



# Interativa

**Interpretação e  
Produção de Textos**

**Professora conteudista:** Ana Lúcia Machado da Silva

---

# Sumário

## Interpretação e Produção de Textos

### Unidade I

1 IMPORTÂNCIA DA LEITURA COMO FONTE DE CONHECIMENTO E PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE .....	1
1.1 Leitura como experiência pessoal .....	2
1.1.1 Como lemos .....	7
1.2 Estratégias de leitura .....	12
1.3 Leitura como aspecto social .....	25
1.4 Leitura na formação profissional .....	26
1.5 Leitura de texto literário .....	30
2 AS DIFERENTES LINGUAGENS .....	31
2.1 Linguagem verbal e linguagem não verbal .....	33
2.2 Linguagem formal e informal .....	35
3 NOÇÕES DE TEXTO: UNIDADE DE SENTIDO .....	37
3.1 Da organização discursivo-textual .....	41
3.1.1 Texto descritivo .....	42
3.1.2 Texto narrativo .....	46
3.1.3 Texto argumentativo .....	50
3.1.4 Texto expositivo .....	70
3.1.5 Texto opinativo .....	71
3.1.6 Texto injuntivo .....	78
4 TEXTOS ORAIS E TEXTOS ESCRITOS .....	83
4.1 Retextualização .....	90

### Unidade II

5 ESTILOS E GÊNEROS DISCURSIVOS .....	96
5.1 Gêneros textuais virtuais .....	100
6 SUPORTE DE GÊNEROS TEXTUAIS .....	103
6.1 Suporte convencional .....	105
6.2 Suporte incidental .....	106
7 QUALIDADES DO TEXTO .....	107
7.1 Fatores externos do texto .....	107
7.1.1 Intencionalidade .....	108
7.1.2 Aceitabilidade .....	108
7.1.3 Situacionalidade .....	109
7.1.4 Informatividade .....	109
7.1.5 Intertextualidade .....	110

7.2 Fatores internos do texto .....	116
7.2.1 Coesão e coerência .....	116
8 ESCRITA E PRODUÇÃO CRIATIVA E ACADÊMICA.....	131
8.1 As escritas.....	131
8.2 As escritas no tempo .....	134
8.3 Produção criativa .....	139
8.4 Produção acadêmica .....	148
8.4.1 Resumo .....	148
8.4.2 Artigo científico.....	149
8.5 Dicas para produção de texto informativo.....	151
8.6 Complemento gramatical .....	154
8.6.1 Dicas de regras gramaticais.....	160
8.6.2 Reforma ortográfica .....	166

# Unidade I

## APRESENTAÇÃO

Caro aluno,

Tendo em vista a importância da leitura e da produção de textos e como os textos se multiplicam em gêneros, linguagens e materiais, também múltiplos, os objetivos gerais da disciplina *Interpretação e Produção de Textos* consistem em ampliar o universo cultural e expressivo do aluno; trabalhar e analisar textos orais e escritos sobre assuntos da atualidade; produzir na linguagem oral e escrita textos diversos.

Quanto aos objetivos específicos, estes têm o propósito de levá-lo a valorizar a leitura como fonte de conhecimento e prazer; aprimorar as habilidades de percepção das linguagens envolvidas na leitura; ler e analisar diversos estilos e gêneros discursivos com senso crítico; identificar as ideias centrais do texto; ampliar seu vocabulário ativo; expressar-se com coerência, concisão e clareza, visando à eficácia da comunicação.

## 1 IMPORTÂNCIA DA LEITURA COMO FONTE DE CONHECIMENTO E PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE

"Ler significa aproximar-se de algo que acaba de ganhar existência."

Ítalo Calvino

*Interpretação e Produção de Textos* é uma disciplina que abrange o básico do uso da língua: a leitura e a produção. O tempo todo nós usamos a língua portuguesa, ou seja, o tempo todo falamos, ouvimos, lemos e escrevemos, e, quando praticamos essas ações, estamos, na verdade, interpretando e produzindo textos.

À nossa volta está cheio de textos: conversações entre os familiares, os colegas, as crianças, em casa, no local de trabalho, nas ruas; recados, MSN, torpedos, *twitter*; informações em *outdoors*, placas, embalagens; notícias televisivas, novelas, filmes; pesquisas em jornais, livros, sites.

A comunicação é mediada por uma infinidade de signos. Na atualidade, em que a comunicação é interplanetária, estabelecemos infinitas conexões com pessoas de todos os cantos do mundo, o que nos obriga a decodificar um universo poderoso de mensagens e a nos adaptar a elas: comunidades virtuais do Orkut, conversas pelo MSN, compras e negócios fechados pela rede, e tem mais, se essa informação foi predominantemente verbal até o momento, agora também se torna visual com a chegada do YouTube. Sabemos o quanto a força da imagem exerce fascínio e entendemos, definitivamente, que não há mais

como sobreviver neste mundo sem que tenhamos de adaptar-nos constantemente às novas e diferentes linguagens disponíveis.

### Saiba mais

A palavra signo é usada em vários contextos. O mais trivial, poderíamos dizer assim, é o astrológico. No contexto dos estudos da língua, signo quer dizer unidade significativa de qualquer língua, dotada de duas faces: significante (imagem acústica) e significado (conceito). Daí que toda e qualquer palavra da nossa língua é um signo.

Entretanto, da leitura também fazem parte textos que não usam a língua. Podemos ler um olhar, um gesto, um sorriso, um mapa, uma obra de arte, pegadas na areia, nuvens carregadas no céu, sinais de fumaça avistados ao longe e tantos outros. Lemos até mesmo o silêncio!

A leitura sensorial é um dos níveis de leitura e tem como base os cinco sentidos: tato, paladar, audição, olfato e visão.

É fundamental reconhecer que o sentido de todas as coisas chega até nós, principalmente, por meio do olhar, da compreensão e da interpretação dos múltiplos signos que enxergamos, desde os mais corriqueiros – nomes de ruas, por exemplo – até os mais complexos – como é o caso de uma poesia repleta de metáforas. O sentido das coisas, portanto, vem até nós por meio da leitura, um ato individual de construção de significado num contexto que se configura mediante a interação autor/texto/leitor.

A leitura é uma atividade que solicita intensa participação do leitor e exige muito mais que o simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores (autor e leitor): o leitor é, necessariamente, levado a mobilizar uma série de estratégias, tanto de ordem linguística quanto de ordem cognitivo-discursiva, com a finalidade de levantar hipóteses, validar ou não essas hipóteses, preencher as lacunas que o texto possa apresentar, enfim, participar de forma ativa da construção do sentido do texto. Dessa forma, autor e leitor devem ser vistos como "estrategistas" na interação por meio da linguagem. É nesse intercâmbio de leituras que se refinam, se reajustam e redimensionam hipóteses de significado, ampliando constantemente a nossa compreensão dos outros, do mundo e de nós mesmos.

O exercício pleno da cidadania passa, necessariamente, pela garantia de acesso aos conhecimentos construídos e acumulados e às informações disponíveis socialmente. E a leitura é a chave dessa conquista.

### 1.1 Leitura como experiência pessoal

A leitura perpassa nossa vida. Ela começa quando nascemos, quando passamos a distinguir luz e movimento. Como os olhos são os instrumentos da visão, é através deles que formamos uma memória visual. As células nervosas dos olhos são sensíveis à luz; elas captam imagens e transmitem a informação para o cérebro, através do nervo óptico, e no cérebro as imagens são decodificadas.

Ao nascer, reagimos instintivamente ao toque e agarramos qualquer objeto colocado em nossa mão. Também reagimos com prazer ao calor, à maciez e à pressão suave. Além da leitura tátil, desde tenra idade igualmente fazemos a leitura gustativa, afinal, as papilas gustativas que temos na boca identificam diferentes sabores. A língua tem áreas específicas para cada tipo de sabor: amargo na parte posterior, azedo nos lados, salgado no meio e doce na ponta. Sabores ácidos, amargos ou azedos provocam caretas nos bebês, enquanto uma mamadeira com leite adocicado os leva a sugar com mais vontade.

Quer leitura mais importante do que distinguir e reagir ao cheiro da mãe? Por meio da sensibilidade do olfato associamos o cheirinho da mamãe à fonte de conforto, prazer e alimento. No entanto, dela reconhecemos não apenas o cheiro, mas também a voz.

**Dica:** Já assistiu ao excelente filme *Os cinco sentidos*? Trata-se de uma história sobre pessoas em busca de relações humanas. Todas elas, de alguma forma, perderam um dos sentidos. Em comum, só têm o fato de morarem no mesmo prédio. Uma história sensível sobre pessoas normais, com qualidades e defeitos, e suas relações com o mundo.

Retomando a leitura visual, agora vamos fazer uma experiência. Quer experimentar? Que livro você escolheria para ler, tendo por único critério o *desing* da capa?



A escolha feita por você é o resultado da leitura visual. A capa que agradou mais sua sensibilidade visual foi escolhida por você.

Todos temos experiência leitora, afinal, lemos o tempo todo, no trabalho, em casa, na rua, mas não temos consciência disso. Proponho, então, uma pausa para pensarmos um pouco sobre nossa história de leitura.

Além dos sentidos, sentimentos e emoções são fatores que colaboram com nossas leituras e marcam gostosas ou desastrosas experiências. Espero que você não tenha nenhum relato sobre leitura, vivido na infância ou na adolescência, tão sofrido ou humilhante quanto o da personagem do conto *Felicidade clandestina*, da grande escritora Clarice Lispector.

### Felicidade clandestina

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saúde".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E, completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono da livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o



fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Clarice Lispector. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

Gostou do texto? Esse conto suscitou lembranças de suas (des) aventuras no mundo da leitura? Lembra-se se ouvia ou lia contos de fada na infância? Recorda-se dos textos obrigatórios na escola? Você tinha (ou tem) aquele avô que contava os causos do interior de pessoas que juravam ver assombrações? Sua adolescência foi marcada por leitura apaixonante? Um único tipo de texto ou autor?

E hoje? Entre os elencados abaixo, o que você lê regularmente?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> jornais           | <input type="checkbox"/> histórias em quadrinhos |
| <input type="checkbox"/> revistas semanais | <input type="checkbox"/> <i>best-sellers</i>     |
| <input type="checkbox"/> romances          | <input type="checkbox"/> Bíblia                  |
| <input type="checkbox"/> <i>e-mail</i>     | <input type="checkbox"/> outros                  |

Sua leitura pode ser frequente em relação ao lado prático da vida, restringindo-se, por exemplo, a *e-mails*. Ou você lê bastante por prazer, estendendo sua leitura a textos de ficção ou histórias em quadrinhos? Talvez você seja aquele leitor sempre "antenado" nos acontecimentos relevantes do país e do mundo e, por exemplo, leia habitualmente revistas semanais de notícias.

Você também deve ler para o curso de graduação e poder ser que faça algum outro curso, de inglês, informática etc. Considerando suas leituras em curso e observando a relação descrita logo abaixo, qual ou quais opções você assinala e por que é ou são suas leituras regulares?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> obras completas     | <input type="checkbox"/> artigos           |
| <input type="checkbox"/> capítulos de livros | <input type="checkbox"/> manuais didáticos |
| <input type="checkbox"/> trechos de livros   | <input type="checkbox"/> outros            |

Enfim, o leitor é seduzido pela leitura, desconsiderando-se neste processo qualquer artifício que possa torná-la uma obrigação. Antes de ser apreendido, um texto escrito, um livro, um gibi é um objeto, tem forma, cor, textura.

Tradicionalmente, em situação de ensino, nós lemos para aprender a ler, para buscar uma resposta etc., enquanto no cotidiano a leitura é regida por outros objetivos, que conformam nosso comportamento de leitor e nossa atitude frente ao texto. No dia a dia, nós lemos para agir (ao ler uma placa), ou para sentir prazer (ao ler um gibi ou um romance), ou para nos informarmos (ao ler uma notícia de jornal). Essas leituras, guiadas por diferentes objetivos, produzem efeitos diferentes, que modificam nossa experiência de leitor diante do texto.

Ler é responder a um objetivo, a uma necessidade pessoal.

**Reflexão:** Escreva um parágrafo sobre o que é leitura e sua importância.

---

---

---

---

## 1.1.1 Como lemos

Caro aluno, você tem consciência de como lê? Abaixo, encontrará duas palavras enquadradas. Leia-as em voz alta e de forma rápida.

PLANTAR

CISALHAMENTO

Com certeza você fez um reconhecimento instantâneo ao ler a primeira palavra, como se ela saltasse da folha para os seus olhos. No entanto, ao ler a segunda, provavelmente o fez mais devagar, talvez leu sílaba por sílaba, com exceção do final "mento", que você reconheceu e leu de um só golpe, globalmente.

Temos, assim, dois modos de ler. Um deles é a leitura global, durante a qual o leitor lê palavra por palavra, reconhecendo-as instantaneamente. Caso não haja esse reconhecimento, o leitor usa outro modo, que é o de análise e síntese: letra por letra ou sílaba por sílaba na leitura de palavra, ou de palavra por palavra na leitura de frases (Kato, 1985).

A leitura global ocorre sempre que o leitor se depara com palavras conhecidas, familiares, na maioria das vezes usadas no cotidiano. A leitura de análise e síntese significa detalhar a palavra ou em letra ou em sílaba e depois relê-la de uma vez. Mesmo aquele leitor acostumado a ler sempre e diversos textos, conhecedor do assunto lido, muitas vezes se depara com palavras desconhecidas.

Uma pessoa que está sendo alfabetizada, ou tem muita dificuldade para ler, tem um processo sofrível de leitura de palavras simples como *plantar*: "p... pa... pan... plan... plant..., planta..., plantar". No caso aqui exemplificado, a pessoa lê letra por letra para formar sílaba. Quando ela chega à última letra, nem lembra mais das primeiras (letras).

A leitura relaciona-se à memória. Se a pessoa demora muito para ler uma palavra, se o seu processo é analítico (letra por letra), a memória não retém as primeiras letras. É a leitura decodificada, na qual o leitor não terá a compreensão do que leu, não conseguirá dar sentido à palavra.

Durante a leitura, a nossa memória é ativada. Nós temos a memória de curto prazo e a memória de longo prazo.

A memória de curto prazo funciona para reter, em breve instante, um passado imediato. Smith (1999) nos dá um exemplo: você acabou de procurar um novo número na lista telefônica e tenta discá-lo sem consultar a lista uma segunda vez. Você conseguirá se lembrar dos oito dígitos se alguém, nesse momento, perguntar as horas? Os dígitos desaparecerão de sua mente. A memória de curto prazo, em resumo, tem um limite para o que é capaz de reter e um limite de tempo durante o qual seu conteúdo pode ser retido.

A memória de curto prazo tem capacidade para guardar de seis a sete itens (sejam sete dígitos de telefone, sete palavras ou ideias) e somente pelo tempo que dermos atenção a eles. No momento em que voltamos a atenção, ou mesmo parte da atenção, para outra coisa, algo se perde. Inversamente, enquanto damos atenção ao que está na nossa memória de curto prazo, não podemos prestar atenção em mais nada.

Assim, quando uma pessoa consegue identificar somente quatro, cinco letras na leitura, sua memória de curto prazo ficará ocupada com essas letras e ela não compreenderá a palavra. Quando a pessoa chegar ao **ante**, já terá esquecido as letras anteriores **elef**.

Para superar o congestionamento da memória de curto prazo...

- primeiro, a pessoa precisa ler mais rapidamente. Aumentar a velocidade na leitura das palavras.
- segundo, aprender a ler no nível do significado (reter ideias e não palavras).

### Testes:

1. Você sabe quantas palavras lê em um minuto? Cronometre um minuto. Durante esse tempo, leia o texto a seguir em voz alta. A leitura deve durar **apenas** um minuto. Depois de completar esse período de leitura, conte quantas palavras foram lidas. Por exemplo, no enunciado "O espanhol é falado na Espanha e em mais 43 países. Nos Estados Unidos é uma das línguas estrangeiras mais faladas." temos mais de vinte palavras, sendo elas: o, espanhol, é, falado, na, Espanha, e, em, mais... O texto que você lerá fala sobre o Museu da Língua Portuguesa, localizado na cidade de São Paulo. Leia-o no seu ritmo.

Recursos de interatividade e tecnologia para apresentar os conteúdos são os diferenciais de um dos museus mais frequentados do Brasil. O acervo é exposto de forma inovadora e inusitada. A visitação é feita de cima para baixo. No auditório do terceiro andar pode ser assistido um vídeo de dez minutos sobre o surgimento da língua portuguesa. Depois a pessoa passa para a Praça da Língua, onde um audiovisual, com textos projetados por toda a sala, ilustra a riqueza do idioma falado no Brasil.

No segundo andar, uma galeria exibe uma tela de 106 metros com projeções simultâneas de filmes sobre o uso cotidiano do português. Totens – esta seção leva o nome de Palavras Cruzadas – explicam as várias influências de outros povos e línguas na formação do idioma. Uma linha do tempo, que mostra a história do idioma, e uma sala (Beco das Palavras) com jogo eletrônico didático sobre a origem e o significado das palavras encantam pelos recursos

interativos. Completa esse andar uma exposição de painéis que mostram a história do prédio que abriga o museu e a Estação da Luz.

Por fim, o primeiro andar possui um espaço para mostras temporárias. A inauguração homenageou *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Já houve também exposições sobre Clarice Lispector e Gilberto Freyre.

Os elevadores do museu também compõem o espaço expositivo, pois têm vista panorâmica para a Árvore da Palavra, uma escultura de 16 metros, criada pelo artista Rafic Farah, e ainda oferecem áudio que repete um mantra composto por Arnaldo Antunes

Agora, complete: eu li \_\_\_\_ palavras em um minuto.

2. Falamos em memória e o teste abaixo é justamente sobre ela. Aceita o desafio?

Para saber a quantas anda sua memória em relação aos acontecimentos de sua vida, faça este teste. Para cada um dos substantivos da lista abaixo você deve anotar a primeira lembrança concreta que lhe ocorrer e se esforçar ao máximo para recordar a data (se estudava, se trabalhava, onde morava, ambiente frequentado). A lembrança deve ser de uma situação real, corriqueira ou especial, e não uma associação simples de palavras. Caso você se lembre de duas situações diferentes ao mesmo tempo, escolha a que lhe parece mais clara.

Por exemplo: pão. Minha avó fez pão quando voltei de férias. Mais ou menos em fevereiro de 1989 (ou há dez anos, há dois meses, há três dias...)

floresta	tigela
vinho	ouro
pó	hospital
beijo	cadeira
tempestade	milho
biblioteca	cidade

Separe suas respostas em dois grupos, o primeiro com eventos acontecidos nos últimos cinco anos e o segundo com lembranças ocorridas há mais de cinco anos.<sup>2</sup>

### Resultado dos testes:

1. Se você leu 100 palavras ou mais, você tem boa velocidade na leitura. Se leu menos de 100, recomendo que volte ao texto e releia o trecho até completar um 1 minuto. Você verá que a cada leitura as palavras ficam mais familiares e ela ocorre de forma mais veloz. Quanto mais velocidade, mais condição de compreensão de leitura.

---

<sup>2</sup> Revista *Galileu*, set., 5.

### 2. A revista *Galileu* oferece a seguinte interpretação:

Se a maioria dos acontecimentos ocorreu nos últimos cinco anos, é provável que você tenha menos de 40 anos de idade. Nessa faixa, o padrão de memória relaciona-se ao fenômeno "efeito de novidade". As lembranças que você colocou como memórias são informações retidas pelo seu cérebro e podem simplesmente desaparecer em dias ou meses.

Se a maioria dos fatos tem mais de cinco anos, é provável que elas tenham ocorrido entre seus 10 e 20 anos de idade, devido ao "efeito de reminiscência". Esse período é o mais marcante da vida das pessoas, e são desse intervalo as memórias mais claras a partir dos 40 anos. São, de fato, memórias, constituídas e estabelecidas, e dificilmente serão esquecidas.

A memória de longo prazo "é tudo o que nós sabemos sobre o mundo", como bem resume o especialista em leitura Smith (1999, p. 45). Essa memória é definida por sua grande capacidade de duração. O leitor ativa seus conhecimentos guardados e organizados na memória quando lê e essa ativação o ajuda a entender o texto.

Esses conhecimentos são:

- de língua: fonológico, morfológico e sintático. O leitor, por exemplo, já tem na memória de longo prazo a memorização de determinada palavra, reconhece-a quando a lê, sabe o significado dela.
- de texto. O leitor tem na sua memória a estrutura, por exemplo, de texto narrativo. Quando tem em mãos um conto, um romance, o leitor sabe identificar que o texto é uma história e não um texto opinativo.
- de mundo. O leitor ativa seus conhecimentos de seu mundo social, cultural etc. e os relaciona com o texto lido.

Segundo Kleiman (2007), a compreensão da leitura está relacionada com o conhecimento adquirido ao longo da vida, seja conhecimento linguístico, textual ou de mundo, todos estão relacionados ao conhecimento prévio, ou seja, relacionados com o contexto e a linguagem habituais e comuns ao leitor. Essa ligação entre texto e leitor proporcionará a interação necessária para a aquisição de novos conhecimentos acerca do assunto discutido na leitura, culminando no entendimento e inclusão do tema no contexto do leitor e, conseqüentemente, na construção de significados para a leitura. Nesse sentido, Freire (2006, p. 29) conclui:

Desde o começo, na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador.

Dessa forma, o conhecimento prévio está relacionado com o contexto e a linguagem e possui grande relevância na construção de significados para um texto. Segundo Kleiman (p. 25), "a ativação do

conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão", pois o conhecimento permite e possibilita o estabelecimento da coerência, recurso que, juntamente com a coesão, está disposto no texto de modo a facilitar a articulação entre as diversas partes que o compõe.

Voltando à pergunta inicial: como você lê? Talvez você tenha pensado, entre exasperado e divertido: "Ora, eu leio com os olhos!" Pois ao responder dessa maneira você está e não está, ao mesmo tempo, com a razão!

Você não pode ler com os olhos fechados, ou no escuro, ou se o material impresso estiver ruim. Ou seja, a visão tem papel a desempenhar na leitura. No entanto, não é suficiente para a leitura, uma vez que ela é a união da **Informação Visual (IV)** – o texto – com a **Informação Não Visual (I nãoV)** – conhecimento prévio do leitor.

Consideremos os exemplos apontados por Smith (1999):

1º) Verifique se para fazer uma leitura, depender somente dos olhos é suficiente. Leia a seguir o texto em sueco:

*Det finns inget i läsningen, care sig man ser.*

Se o leitor não tiver conhecimento prévio sobre a língua sueca, não conseguirá ler o texto, mesmo usando a visão. Há tipos de informação que também são necessários, como conhecer a língua, conhecer o assunto e ter certa habilidade no ato de ler. Todos esses conhecimentos são **I não V**.

Quanto mais informação não visual o leitor tiver, menos dependerá da informação visual. Ou vice-versa, quanto menos I não V, mais o leitor precisará da informação visual. A leitura de um texto será mais fácil quanto mais informação prévia você tiver sobre o texto. Por outro lado, o texto de difícil leitura exige mais dos olhos, mais tempo, melhor luz, melhor impressão.

Como bem esclarece Smith, uma habilidade básica da leitura é usar ao máximo os conhecimentos prévios que se tem e depender o mínimo da informação proporcionada pelos olhos.

2º) Que decisão o seu cérebro toma quando lê:

*210 LION STREET*

Você viu o número 210 e duas palavras em inglês, Lion Street. Se você checar melhor, verá que o dígito 0 é exatamente igual à letra O. A informação visual é a mesma, mas o seu cérebro decidiu que um é número e o outro é letra.

Os olhos olham, mas é o cérebro que vê. Na verdade, os olhos não veem nada, eles colhem a informação visual na forma de luz e a transformam em impulsos de energia nervosa, que passa pelas fibras do nervo óptico em direção ao cérebro.

Sobre os olhos, podemos dizer ainda que eles não se movem de forma suave e contínua, a menos que estejam fixos sobre um objeto em movimento, como um pássaro ou dedo em movimento. Os olhos pulam esporadicamente de um foco para outro. No caso da leitura, os olhos não se movimentam suavemente pelas linhas e pela página; movem-se em círculos, saltos e pulos. No jargão da área de estudo sobre leitura, esse movimento é chamado de sacada.

3º) Este exemplo vamos dividir em duas etapas.

a) Peço a você ver somente de relance, muito rapidamente mesmo, as 25 letras do retângulo:

J L K Y L P A J M R W K H M Y O E Z S X P E S L M B

Das 25 letras, quantas podem ser vistas com um simples olhar? Com certeza, não muitas, talvez quatro ou cinco letras, porque é quantidade que qualquer pessoa pode ver em uma situação como essa. A limitação não está nos olhos, mas no cérebro, que precisa lidar com a informação nova e encontrar sentido nela.

b) Novamente, peço-lhe dar uma rápida olhada nas 26 letras organizadas abaixo:

A GEADA DANIFICA AS PLANTAÇÕES

Quanto você conseguiu ver das 26 letras? O resultado, desta vez, certamente é: tudo. Você não viu somente parte, mas todas as palavras. Afinal, as letras formam uma sequência de palavras que fazem sentido; sentido esse disponível mais pela **I não V** do que pela **IV**.

Há um limite de informação visual com o qual o cérebro pode lidar. Assim, quanto menos informação não visual, mas rápida e eficazmente o leitor compreende o que lê.

Para uma pessoa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário, primeiro, que a pessoa se sinta capaz de ler.

### 1.2 Estratégias de leitura

Ser capaz de ler e de compreender o texto é fator essencial para uma pessoa se envolver em uma atividade de leitura. No entanto, os textos nunca dizem tudo, dependem, por conseguinte, do trabalho interpretativo do leitor; o que não significa que o leitor esteja livre para atribuir qualquer sentido ao que lê. Na leitura de certos textos, basta ler algumas partes buscando a informação necessária para encontrá-la; já outros precisam ser lidos várias vezes.

A leitura é, então, o resultado da interação entre o que o leitor já sabe e o que ele retira do texto. Nesse sentido, a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio, ou seja, é a partir do conhecimento que o leitor adquire ao longo de sua vida: o conhecimento linguístico, que corresponde ao vocabulário e às regras da língua; o textual, que engloba as noções e os conceitos sobre o texto; e o de mundo, que corresponde ao conhecimento pessoal do leitor. Por meio desses conhecimentos ele irá construir o sentido do texto.



Uma estratégia é um amplo esquema para obter, avaliar e utilizar informação. A leitura, como qualquer atividade humana, é uma conduta inteligente.

Usamos estratégias na leitura, mas também essas estratégias se desenvolvem e se modificam durante a leitura. Com efeito, não há maneira de desenvolver estratégias de leitura a não ser através da própria leitura.

Estratégias são procedimentos que abrangem os objetivos da leitura, o planejamento das ações para atingir os objetivos, sua avaliação e possível mudança. Elas envolvem o cognitivo e o metacognitivo, ou seja, as estratégias são usadas de forma inconsciente (estratégias cognitivas) ou de forma consciente (estratégias metacognitivas).

Quando o texto atende às expectativas do leitor, este lê e compreende, utilizando as estratégias cognitivas inconsciente e automaticamente. Quando o texto não atende à expectativa do leitor, ou seja, causa algum tipo de dificuldade, o leitor desautomatiza a leitura, conscientizando-se das estratégias e se faz a seguinte pergunta: o que farei para entender o texto?

Partimos para um exemplo: que grau de dificuldade causa o texto abaixo?

### **Bye-bye, bonecas e carrinhos**

Existe uma fase na vida chamada puberdade. Todos, meninos e meninas, passam por ela entre os 9 e 12 anos.

A puberdade representa a passagem da infância para a adolescência. Ou seja, quem chega a essa etapa vai deixando de ser criança, mas ainda não é adolescente. A criança torna-se um pré-adolescente.

Nessa fase o corpo começa a ganhar novas características: pelos nascem nas axilas e perto dos órgãos sexuais, as mamas das meninas começam a aparecer, e o pênis dos meninos vai ficando maior.

Algumas meninas passam a usar sutiã e outras até menstruam.

Entre os meninos, é comum surgir o interesse por revistas que trazem fotos de mulheres nuas, como a *Playboy*.

Com as transformações da puberdade, é comum surgirem dúvidas e curiosidades.<sup>3</sup>

O grau de dificuldade, com certeza, é zero. Você leu o texto sem nenhum sobressalto, empregando as estratégias de leitura de forma inconsciente. Você conhece o assunto, a palavra puberdade é explicada no próprio texto, as frases, em sua maioria, estão na ordem direta (sujeito e verbo), não existe contradição nas informações do texto.

---

<sup>3</sup> Cavalcanti, Gabriela. *Folhinha*, 7, nov., 98.

Uma das estratégias cognitivas da leitura, que rege o comportamento inconsciente e automático do leitor, é o princípio da economia. O leitor tende a reduzir, ao menor número, personagem, objeto, processo e evento à medida que vai lendo. O leitor é ajudado nessa tendência, porque o próprio texto tem repetição de termo, substituição de palavra, pronomes, frases definidas.

Por exemplo: "Existe uma fase na vida chamada puberdade. Todos, meninos e meninas, passam por ela entre os 9 e 12 anos." Nesse trecho, o leitor depara-se com frase que define um termo (puberdade) e com substituição de termo ("fase na vida chamada puberdade" é repetida e substituída pelo termo "ela"). Nós não temos duas informações diferentes entre "fase na vida chamada puberdade" e "ela".

Outra estratégia cognitiva é a de canonicidade, relacionada à expectativa do leitor em relação à ordem natural do mundo, como: causa antes do efeito, ação antes do resultado. Isso significa que o leitor espera frases lineares: sujeito depois verbo; sujeito, verbo e depois complemento do verbo; sujeito, verbo, complemento do verbo e depois advérbio, e assim por diante.

Um exemplo famoso de texto que causa dificuldade, porque não segue a ordem direta da frase, é o nosso Hino Nacional. Vamos ler o seu início:

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante

A ordem direta é sujeito + verbo + complemento. Nessa ordem, o Hino ficaria: as margens plácidas do (rio) Ipiranga + ouviram + o brado retumbante de um povo heroico. Como todo texto que não segue a ordem direta, o Hino Nacional causa dificuldade no leitor.

A terceira estratégia é a da coerência. O leitor escolhe uma interpretação que torne o texto coerente. O texto tem que seguir a regra de não contradição, que é não apresentar nenhuma informação que contradiga o seu conteúdo.

A última estratégia cognitiva é a da relevância, que é a escolha da informação mais relevante para o desenvolvimento do tema por parte do leitor. Essa estratégia leva o leitor a identificar a ideia principal do texto, a resumir o texto e a usar a estrutura do texto; enfim, é a estratégia que serve para extrair o que é importante no texto para o leitor.

É importante saber, caro aluno, que existe a informação textual e a contextual. A ideia principal do autor é a informação textual, e a ideia principal para o leitor é a contextual. A informação importante textualmente, porém, pode não ser considerada pelo leitor, pois como ele tem um motivo para ler, pode considerar como fundamental uma ideia secundária. Um leitor experiente busca as duas informações: a importante, permeada no texto, e a dele, que responde a seu objetivo de leitura.

O resumo, estratégia desse processo, mostra a capacidade do leitor de detectar a ideia principal e tem três objetivos: conservar a informação essencial, economizando palavras, eliminando

informações redundantes e secundárias, substituir elementos e ações por termos generalizantes, e adaptar-se a cada tipo de público.

Usar a estrutura do texto para compreendê-lo melhor é outro recurso dessa última estratégia. No caso do texto narrativo, essa compreensão ocorre por meio das categorias da narrativa: exposição, acontecimento desencadeado, complicação, resolução, fim e moral.

As estratégias metacognitivas, por sua vez, são operações realizadas com algum objetivo em mente, sobre as quais há controle consciente: o leitor é capaz de dizer e explicar a sua ação. Essas estratégias regulam a desautomatização consciente das estratégias cognitivas. Nesse sentido, por meio da autoavaliação da própria compreensão e da determinação de objetivos para a leitura, os leitores são capazes de dizer o que não entendem sobre o texto e para que estão lendo o texto.

Quando o leitor sabe que não está entendendo o texto, pode lançar mão de vários expedientes, tais como: voltar e reler; procurar o significado de uma palavra no dicionário; procurar o significado de um termo recorrente no texto; fazer um resumo do que leu; procurar um exemplo para um conceito. Dependendo de sua dificuldade, o leitor cria formas de resolver o problema. Para tanto, é preciso que ele tenha consciência de sua falha de compreensão.

As estratégias cognitivas são aquelas inconscientes para o leitor, as que ele realiza para atingir seu objetivo de leitura. Trata-se de um conhecimento implícito, não verbalizado, são os chamados "automatismos" da leitura. Esse conhecimento abrange desde aquele sobre como pronunciar o português, passando pelo conhecimento do vocabulário, até o conhecimento sobre o uso da língua. Essas estratégias regem o comportamento automático e inconsciente do leitor. O leitor proficiente tem flexibilidade e independência na leitura. Ele dispõe de vários procedimentos para chegar aonde quer, ou seja, ele regula o próprio conhecimento ou consegue chegar aonde sua vontade consciente determina.

A determinação de objetivos é um recurso que possibilita a leitura e a compreensão dos textos e é desenvolvida e aprimorada pelo próprio leitor, convertendo-se em uma estratégia metacognitiva. De acordo com Kleiman (2007, p. 34), "uma estratégia de controle e regulamento do próprio conhecimento", que envolve, além dos objetivos, a formulação de hipóteses, atividades que necessitam de reflexão e controle consciente sobre o próprio conhecimento, sobre o próprio fazer, sobre a própria capacidade. Elas se opõem aos automatismos e mecanicismos típicos do passar do olho que muitas vezes é tido como leitura na escola.

Temos, assim, as seguintes estratégias metacognitivas:

Estratégia de previsão: torna possível prever o que ainda está por vir com base em suposições, ou seja, através do gênero de texto, do autor ou mesmo do título. É possível verificar diversos indícios que muitas vezes nos informam o que encontraremos no texto. O conhecimento prévio do leitor – "sua visão de mundo" – facilitará essa estratégia. Cabe a ele uma prévia análise desses indícios antes da leitura.

O título, por exemplo, leva-nos a imaginar sobre o gênero do texto (se é poema, conto, artigo científico etc.), sobre o assunto tratado por ele, entre outras previsões. Ou seja, o título cria expectativa no leitor.

### -EXERCÍCIOS-

1. Que livro você escolheria apenas pelo título?

*A breve segunda vida de Bree Tanner.*

*A fúria.*

*A batalha do labirinto.*

*Centenário do Corinthians.*

*Cem anos de solidão.*

2. Que expectativa cria o título?

O evangelho segundo Jesus Cristo.

Lavoura arcaica.

Espelho.

Fugidinha.

Sim senhor.

Agente 86.

3. Em relação ao título "Chef profissional":

a) Em que tipo de texto o título é adequado?

b) Qual o assunto provável?

4. Leia a tirinha e explique se ela atende à expectativa do leitor ou não quanto ao final da história.



5. Que tipo de conhecimento prévio o leitor precisa ter para entender as duas tirinhas da Turma da Mônica?



### Resolução dos exercícios:

1. Caro aluno, não existe resposta certa ou errada. A expectativa que nós criamos é variável e só é válida quando não conhecemos o texto.

2. Se você, por um acaso, já leu todos os títulos do exercício 2, não fará previsão; você terá certeza sobre o assunto que cada um deles trata. As atividades de estratégia de previsão somente são válidas quando o leitor ainda não leu o texto ou está lendo e imagina o que poderá acontecer em seguida.

3. Se você souber que a palavra *chef* é geralmente associada ao profissional que cria receitas culinárias, prepara pratos considerados criativos e de alta qualidade, então você imaginará que o tipo de texto é técnico, destinado a um público especializado na área, e o assunto provável será como preparar certos pratos ou como agir no local de trabalho do mestre-cuca ou outro assunto ligado ao *métier* desse profissional.

4. Existe quebra de expectativa, porque o leitor espera reação diferente quando uma pessoa socorre outra que chora de dor. Cebolinha não faz o que a gente espera, ele coloca o esparadrapo na boca do Cascão para este pare com tanto barulho ao chorar de dor.

5. O leitor precisa conhecer as personagens da Turma da Mônica, do desenhista Maurício de Sousa, e a caracterização de cada uma. Somente assim o leitor pode entender que o Cascão não toma banho nem suporta cheiro de limpeza e por isso coloca um protetor no nariz ao encontrar Mônica depois que ela toma banho. Da mesma forma, somente tendo esse conhecimento o leitor poderá entender também a segunda tirinha, que mostra a reação dos vendedores quando ouvem que Magali não poderá comer doce por um tempo. Magali é uma personagem conhecida por ser muito gulosa, motivo de felicidade dos vendedores de guloseimas.

Há dois tipos de previsão: um, que se baseia no conteúdo do texto, e outro, na estrutura. Previsões sobre o texto narrativo, por exemplo, podem ocorrer através das características das personagens, da ilustração, do título, dos conhecimentos prévios dos gêneros literários. As previsões sobre o texto informativo podem ser feitas a partir dos conhecimentos anteriores do leitor sobre o assunto, sobre a estrutura dos textos informativos e os indícios como cabeçalho, título, introdução, figura etc.

Estratégia de inferência: permite captar o que não foi dito no texto de forma explícita. A inferência é aquilo que lemos, mas não está escrito, como explica o seguinte exemplo: "Batiam um prego na parede". Podemos entender que batiam com um martelo, embora não esteja explícito.

Estratégia de visualização: a visualização consiste nas imagens mentais, como cenários e figuras. É uma forma de inferência, em que o leitor faz elaboração de significados do texto, seja de ficção ou não ficção. Essa estratégia eleva o nível de interesse do leitor, porque se ele consegue visualizar o que lê, ele dá continuidade à leitura, consegue entender melhor o texto. Ressalto que as imagens são profundamente pessoais.

Estratégia de seleção: permite que o leitor se atenha às palavras "úteis", desprezando as irrelevantes. Um exemplo seria fixar-se no substantivo em vez de no artigo que o antecede, pois quem determina o gênero é o substantivo.

Estratégia de pensamento em voz alta: é quando o leitor verbaliza seu pensamento enquanto lê. Ele faz reflexões sobre o conteúdo que está assimilando em voz alta.

Estratégia de questionamento: é fazer perguntas ao texto desde o início até o fim da leitura, objetivando o melhor entendimento. Ex.: Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir o meu objetivo na leitura?

Estratégia de conexão: relacionar o que se lê com os conhecimentos prévios. Há três tipos de conexão:

1. De texto para texto: relação entre o texto lido com outros textos.
2. De texto para leitor: conexão entre o que o leitor lê e os episódios de sua vida.
3. De texto para mundo: conexão entre o texto lido e algum acontecimento mais global.

As estudiosas Bencke e Gabriel fizeram um interessante e útil levantamento das estratégias que os leitores usam para compreender o texto. A lista é longa, mas essencial.

### Descrição da estratégia

01 Estabelecer um objetivo geral para a leitura.

- 02 Verificar se o que vou ler viabiliza o meu objetivo.
- 03 Examinar ligeiramente o texto inteiro.
- 04 Dar uma olhada geral no texto para ver do que trata.
- 05 Dar uma olhada na quantidade de páginas do texto.
- 06 Ver como é a organização e a sequência do texto.
- 07 Organizar um roteiro para ler.
- 08 Identificar as dicas do texto que permitiriam formular hipóteses corretas sobre o seu conteúdo antes da leitura.
- 09 Levantar hipóteses sobre o conteúdo do texto.
- 10 Supor qual será o conteúdo por conhecer quem é o autor.
- 11 Supor qual será o conteúdo pelo título.
- 12 Ler um texto a partir das hipóteses e questões levantadas.
- 13 Deduzir informações do texto para melhor compreendê-lo.
- 14 Fazer suposições sobre o significado de um trecho do texto, quando não entendo.
- 15 Verificar se as hipóteses sobre o conteúdo do texto estão certas ou erradas.
- 16 Pensar sobre por que fiz algumas suposições certas e outras erradas sobre o texto.
- 17 Verificar o que já sei e conheço sobre o assunto tratado pelo texto.
- 18 Relacionar o assunto do texto com o que já conheço sobre o assunto.
- 19 Consultar o dicionário para entender o significado de palavras novas.
- 20 Consultar fonte externa quando não compreendo palavra, frase, parágrafo.
- 21 Dar continuidade à leitura quando não compreendo palavra, frase, parágrafo.
- 22 Fixar a atenção em determinados trechos do texto.
- 23 Ler as informações importantes com atenção e as outras superficialmente.
- 24 Ficar atento a nomes, datas, épocas e locais que aparecem no texto para poder compreendê-lo.

- 25 Ler com atenção e devagar para ter certeza de que estou entendendo o texto.
- 26 Concentrar-me na leitura quando o texto é difícil.
- 27 Fazer perguntas sobre o conteúdo do texto.
- 28 Questionar o texto para entendê-lo melhor.
- 29 Tentar responder às questões que fiz sobre o texto para ver se o estou entendendo.
- 30 Responder às questões que fiz sobre o texto.
- 31 Fazer anotações ao lado do texto.
- 32 Fazer anotações sobre os pontos mais importantes do texto.
- 33 Fazer anotações no texto para entendê-lo melhor.
- 34 Grifar o texto para destacar as informações que considero importantes.
- 35 Usar marca-texto para destacar as informações que acho importantes para lembrá-las depois.
- 36 Relembrar os principais pontos do texto.
- 37 Relembrar os principais pontos do texto para verificar se os compreendi totalmente.
- 38 Criar imagens mentais de conceitos ou fatos descritos no texto.
- 39 Visualizar a informação do texto para lembrá-la melhor.
- 40 Escrever com minhas palavras as informações que destaquei como as mais importantes.
- 41 Fazer lista dos tópicos mais importantes do texto.
- 42 Listar as informações que entendi com facilidade.
- 43 Fazer um resumo do texto.
- 44 Fazer um resumo do texto para organizar as informações mais importantes.
- 45 Copiar os trechos mais importantes do texto.
- 46 Fazer um esquema do texto para relacionar as informações importantes.
- 47 Pensar em maneiras alternativas de ler o texto para entendê-lo.
- 48 Fazer algumas interrupções na leitura para ver se estou entendendo o texto.



- 49 Parar para refletir se compreendi bem, ou não, o que li.
- 50 Avaliar quanto entendi do texto e voltar àquelas partes em que não me sinto seguro.
- 51 Rer ler trechos quando encontro alguma informação que considero difícil de entender.
- 52 Rer ler trechos para inter-relacionar as informações do texto.
- 53 Voltar a ler alguns parágrafos ou páginas quando me distraio.
- 54 Fazer a releitura do texto.
- 55 Voltar ao texto e rer ler os pontos mais significativos.
- 56 Rer ler o texto várias vezes quando tenho dificuldade para entendê-lo.
- 57 Rer ler em voz alta os trechos que não compreendi.
- 58 Ler em voz alta quando o texto é difícil.
- 59 Analisar se as informações são lógicas e fazem sentido.
- 60 Analisar as figuras, os gráficos e as tabelas referentes às informações do texto.
- 61 Interpretar o que o autor quis dizer.
- 62 Pensar acerca de implicações ou consequências do que diz o texto.
- 63 Diferenciar as informações da opinião do autor.
- 64 Opinar sobre as informações do texto.
- 65 Fazer comentários críticos sobre o texto.
- 66 Verificar se atingi o objetivo que havia estabelecido para a leitura.
- 67 Conversar com meus colegas sobre os textos que li para ver se, de fato, entendi o texto lido.<sup>4</sup>

Permeando todas as estratégias cognitivas, existem, então, as metacognitivas, que dizem respeito aos conhecimentos do leitor sobre o processo de leitura. As estratégias metacognitivas têm também a ver com a capacidade do leitor de perceber quando não compreende um texto e utilizar, nesse caso, estratégias apropriadas para resolver o problema.

O leitor consciente tem conhecimento de seus recursos e de seus limites cognitivos, de seus interesses e motivações, das intenções do autor e das estratégias. Ele também sabe quando compreende ou não

---

<sup>4</sup> Revista *Signo*. Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 34, n. 57, p. 134-152, jul.-dez., 2009.

o texto; o que compreende ou não; de que precisa para a compreensão e o que pode fazer quando não acontece a compreensão.

Espero que este nosso livro-texto o ajude, caro aluno, justamente a tomar consciência sobre seu desempenho e a superação de seus problemas (quando os houver) para a compreensão leitora.

### -----EXERCÍCIOS-----

As propostas de atividades seguintes sobre estratégias de leitura são da pesquisadora Souza (2010).

Com base no poema de Manuel Bandeira, faça as atividades, quando possível.

#### Porquinho-da-índia

Quando eu tinha seis anos  
Ganhei um porquinho-da-índia.  
Que dor de coração eu tinha  
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!  
Levava ele pra sala  
Pra os lugares mais bonitos, mais limpinhos,  
Ele não se importava:  
Queria era estar debaixo do fogão.  
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas..  
– O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

1. Complete os quadros, fazendo as conexões:

a) Conexão texto-leitor:

Após a leitura do poema....., de ....., lembrei-me de  
que, um dia, eu também.....

b) Conexão texto-texto:

Quando eu li ....., de ....., lembrei-me de que eu já  
tinha visto (em um programa na televisão, ou.....).

Cartaz: conexão texto-mundo:

O poema ....., de ....., lembra-me.....

2. Inferência: Quando você leu o poema, você fez inferências?

Eu uso para prever:	SIM	NÃO	Observação
O título			
O nome do autor			
O que eu já sei sobre o assunto			
O que eu sei sobre o gênero (poema)			
O que eu sei sobre a organização e a estrutura do texto			
O que eu sei sobre a personagem			

Há palavras desconhecidas no poema?

Palavra	Significado inferido	Dicas do texto	Frase do texto

3. Visualização: quando você lê, você visualiza mentalmente. Complete o quadro sobre essa estratégia:

Eu visualizo a fim de:	SIM	NÃO	Observação
Fazer previsão e inferência			
Esclarecer algum aspecto do texto			
Lembrar			
<b>Eu visualizo:</b>			
Personagem, pessoas, criaturas			
Ilustrações ou características do texto			
Eventos ou fatos			
Espaço e/ou lugar			
<b>Eu visualizo, usando:</b>			
Meus sentidos (olfato, audição, paladar)			
Minha reação física (calor, frio, com sede, estômago doendo etc.)			
Uma reação emocional (alegria, tristeza, ânimo, solidão etc.)			

4. Quadro síntese para visualização: esta atividade vale para a leitura de outro texto a sua escolha.

1. Leia o texto de sua escolha, de preferência um de ficção, e não se esqueça de utilizar todos os seus sentidos ao usar sua imaginação.
2. Agora, escreva, a partir de sua leitura, a complementação das frases abaixo e crie outras se julgar necessário.
3. Comente e compare com seus colegas de curso suas respostas.

Título do livro:

Nome do autor:

Eu vejo:

Eu escuto:

Eu posso sentir:

Eu cheiro:

Eu posso saborear:

Comentário final do leitor:

### Resolução dos exercícios:

1. Ao completar os quadros do exercício 1, após a leitura do poema *Porquinho-da-índia*, você relacionou o texto com: você, outro texto e com o mundo. As relações são inúmeras e não é possível se fazer uma previsão. Você pode, por exemplo, ter relacionado o poema com sua infância e se lembrado de um bichinho de estimação de sua família; você pode ter relacionado o poema com outro poema, com a letra de uma música, com um programa televisivo que fale de animal ou de criança etc.; e, por fim, você pode ter relacionado o poema, por exemplo, com um comportamento bastante atual na sociedade de hoje, que tem resultado no crescimento do número de *pet shops*.

2. As inferências são feitas antes e durante a leitura, e suas previsões podem ou não ser confirmadas no texto. Por exemplo, você pode ter inferido, ao ler o título, que o poema tratava de como cuidar de um porquinho-da-índia e não da relação entre uma criança e seu bichinho de estimação. São

várias as possibilidades de inferência. Quanto à palavra, talvez a única desconhecida seja justamente "porquinho-da-índia", conhecido também como preá.

3. A leitura de um texto verbal pode nos remeter a nossos cinco sentidos. Será que você se lembrou do cheirinho de seu primeiro animal de estimação?

4. Para realizar a atividade 4, você deve ter escolhido um texto já lido ou então selecionou um texto de ficção para ler. Ao utilizar o quadro síntese para visualização, certamente tomou consciência de que nós lemos e usamos a estratégia de visualização.

### 1.3 Leitura como aspecto social

O ato de ler é um processo abrangente e complexo. É um processo de compreensão, de entender o mundo a partir de uma característica particular do homem: sua capacidade de interação com o outro através das palavras, que, por sua vez, estão sempre submetidas a um contexto.

A leitura, dessa forma, nunca poderá ser entendida como um ato passivo, pois quem escreve o faz pressupondo o outro. Ou seja, a interação leitor-texto se faz presente desde o início da construção do texto.

Segundo Souza (1992, p. 22), a leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados por meio de uma conjunção de fatores pessoais com as circunstâncias, como o momento e o lugar. Diz ela que ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto e que esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Um leitor crítico não é apenas um decifrador de sinais. Ele é aquele que se coloca como coenunciador, travando um diálogo com o escritor, sendo capaz de construir o universo textual e produtivo na medida em que refaz o percurso do autor, instituindo-se como sujeito do processo de ler.

Nessa concepção de leitura, em que o leitor dialoga com o autor, a leitura se torna uma atividade social de alcance político. Ao permitir a interação entre os indivíduos, a ação de ler não pode ser entendida apenas como a decodificação de símbolos gráficos, mas sim como a leitura do mundo, que deve ser constituída de sujeitos capazes de compreender o mundo e nele atuar como cidadãos.

A leitura crítica sempre leva à produção ou construção de outro texto: o do próprio leitor. Em outras palavras, a leitura crítica sempre gera expressão: o desvelamento do **ser** leitor. Assim, esse tipo de leitura é muito mais do que um simples processo de apropriação de significado; a leitura crítica deve ser caracterizada como um estudo, pois se concretiza numa proposta pensada pelo ser no mundo dirigido ao outro.

O leitor se institui no texto em duas instâncias:

- no nível pragmático: o texto, enquanto objeto veiculador de uma mensagem, está atento em relação ao seu destinatário, mobilizando estratégias que tornem possível e facilitem a comunicação.

- no nível linguístico-semântico: o texto é uma potencialidade significativa que se atualiza no ato da leitura, levado a efeito por um leitor instituído no próprio texto, capaz de reconstruir o universo representado a partir das indicações, das pistas gramaticais que lhe são fornecidas.

Essa é uma perspectiva que concebe a leitura como um processo de compreensão amplo, envolvendo aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos.

O leitor atribui significados ao texto e, nessa atribuição, há que se levar em conta a interferência da bagagem cultural do receptor sobre o processo de decodificação e interpretação da mensagem. Assim, no momento da leitura, o leitor interpreta o signo sob a influência de todas suas experiências com o mundo, ou seja, sua memória cultural é que direcionará as decodificações futuras.

### 1.4 Leitura na formação profissional

Existem outros tipos de texto além dos literários (poemas, contos etc.) ou do cotidiano (conversação, e-mail etc.).

Na área profissional existem os textos técnicos, muitos, e também os livros-texto. O profissional lê esse material à procura de informações específicas. Fora esses instrumentos, muitos outros livros são mais olhados do que estudados, uma vez que o leitor busca referências, sendo desnecessário mergulhar totalmente em todos os livros.

Dicionários, listas telefônicas, enciclopédias, catálogos, registros e bibliografias são outros textos procurados por profissionais de várias áreas. Contudo, esses leitores nunca leriam do início ao fim esses textos.

Incluimos também textos que podem ser entregues aos profissionais: carta, formulário, contas, revistas, periódicos, anúncios.

Atualmente, livros de autoajuda também fazem parte da lista de textos lidos pelos profissionais, como aponta interessante estudo sobre o que os profissionais leem. No resultado aparecem os livros de autoajuda, especialmente os que tratam do mundo do trabalho, do universo profissional. Leia a seguir esse estudo:

#### Estudo mostra impacto dos livros de autoajuda

Os livros de autoajuda profissional constituem o mais recente fenômeno do setor editorial brasileiro. Um dos segmentos com maior crescimento, é também o responsável pelos novos *best-sellers* do mercado. Exemplo recente é *O monge e o executivo*, que já vendeu mais de 1,1 milhão de cópias no Brasil.

A receptividade é tão grande, que muitas editoras estão aumentando os lançamentos na área, também chamada *light business*. Quase 95% do catálogo de títulos da Sextante, que

detém os direitos da obra citada, é composto de livros de autoajuda profissional. Graças a esse segmento, a editora cresceu 60% nos últimos dois anos. Do faturamento da Campus/Elsevier, uma das principais editoras de livros de negócios do país, 10% provêm do *light business*.

Em relação ao perfil dos leitores, a procura por esses livros parece não ter restrições em relação a idade, sexo ou cargos. De estagiários aos principais executivos das empresas, todos parecem recorrer, com maior ou menor frequência, a esse tipo de leitura. Em recente pesquisa realizada pela revista *Exame* com 30 presidentes de grandes empresas (edição 879), 57% afirmaram ter lido pelo menos um livro desse segmento nos últimos 12 meses, sendo o mais citado *O monge e o executivo*.

Para entender melhor o que é e qual a extensão desse fenômeno, o Ateliê de Pesquisa Organizacional realizou um estudo sobre a influência que os livros de autoajuda profissional exercem em profissionais e executivos, e qual o seu impacto sobre as empresas, principalmente na gestão e no desenvolvimento de pessoas. A pesquisa qualitativa foi realizada com quatro grupos de discussão, compostos por profissionais/leitores, gestores/leitores e profissionais e gestores/não leitores, com idade entre 28 e 35 anos.

Os resultados são bastante reveladores, sobretudo no que diz respeito ao relacionamento entre os profissionais, seus colegas, superiores e a própria empresa. De acordo com Suzy Zveilbil, sócia do Ateliê e diretora da ComSenso Agência de Estudos do Comportamento Humano, fica clara a relação entre o cotidiano do trabalho e a busca por essa literatura.

"A pressão, o estresse e a sobrecarga do dia a dia acabam atropelando o bom senso e o tempo de condução de algumas ações, principalmente na gestão de pessoas e no desenvolvimento profissional. Nesse contexto, o livro de autoajuda exerce um papel importante na vida de seus leitores, dando sentido a diversas dúvidas e inseguranças cotidianas. Por ser uma leitura fácil e acessível, recoloca o leitor diante de alguma situação desejada", explica Zveilbil.

Segundo os participantes da pesquisa, os livros de autoajuda profissional:

- ocupam um espaço, antes vazio, na busca de respostas.
- preenchem as expectativas de dar rumo a situações obscuras.
- oferecem maior segurança para lidar com o cotidiano de trabalho.
- encaminham ações e confirmam ou criam novas perspectivas ou percepções.

Outra função essencial é a de "humanizar" o ambiente de trabalho. "É curioso destacar que as pessoas acabam recorrendo a um recurso impessoal (livro) para, justamente, combater a frieza e a impessoalidade do trabalho", destaca Suzy. "Nesse aspecto", diz ela, "ele cumpre a função de substituir a relação com o outro (chefe, pai, conselheiro ou qualquer outra autoridade). Afinal, o outro não está sempre disponível, não está na 'prateleira'. O livro serve, então, como mediador mudo das relações".

Em geral, os livros são indicados ou recomendados pelos colegas de trabalho, amigos e parentes. Muitos também escolhem os livros pela indicação de revistas, na internet ou mesmo não tendo critérios preestabelecidos: simplesmente vão à livraria e compram o livro com o tema ou o título mais interessante. Fora *O monge e o executivo*, entre os mais citados estão *Quem mexeu no meu queijo?*, *Pai rico, pai pobre*, *A arte da guerra* e *O gerente minuto*. Os autores mais lembrados são Lair Ribeiro, Içami Tiba, Roberto Shinyashiki e Luis Marins.

A percepção sobre os resultados desses livros, porém, varia muito de acordo com as pessoas, independentemente de serem leitores ou não leitores. Para a diretora do Ateliê, existe uma segmentação que varia de acordo com o interesse e a relação entre o leitor e o livro. O estudo constatou a existência de cinco perfis distintos:

**Religiosos:** sempre estão lendo algum livro de autoajuda. Recorrem a eles sempre que necessitam e tentam convencer colegas e amigos sobre a importância dos efeitos da leitura.

**Criteriosos:** Selecionam a leitura por temas relevantes. Leem livros indicados e recomendados por conhecidos e têm noção que aproveitarão apenas parte do conteúdo, não o todo.

**Enrustidos:** Afirmam que leem, mas tendem a explicar muito que é uma leitura ocasional. Não assumem nada que comprometa sua imagem de leitor independente e eventual. Sabem que há preconceito, e preferem evitar críticas e confrontos.

**Complacentes:** Mesmo recomendados, os livros de autoajuda são vistos como superficiais e pouco convincentes. Acreditam que é um nicho importante para algumas pessoas e tendem a defender aqueles que leem.

**Céticos:** São muito críticos em relação aos livros de autoajuda profissional e a seus leitores. Não leem essa literatura de forma nenhuma e acreditam que esses livros são totalmente comerciais e de aproveitamento "zero". Defendem outros meios de desenvolvimento profissional.

Entre os adeptos (religiosos e criteriosos), muitos chegam a dizer que se formam e desenvolvem praticamente apenas com os livros de autoajuda. Em alguns grupos, ler é uma forma de pertencer a esses grupos.

Os que encaram esse tipo de literatura com mais reservas reconhecem a superficialidade com que os temas são abordados. "Entretanto, dependendo do efeito que geram, os livros acabam tornando-se a superficialidade com cara de profundidade", avalia Suzy.

O estudo do Ateliê de Pesquisa Organizacional também indica que os profissionais podem ser induzidos à leitura pelas empresas, sob diversas formas. Em muitas organizações, os livros de autoajuda servem como um dos recursos utilizados pela área de RH para se aproximar do funcionário. Em outros casos, os livros são recomendados pelos gestores a suas equipes. E há também cursos e treinamentos em que a leitura dessas obras é indicada ou exigida como parte do processo.



Para Luis Felipe Cortoni, sócio do Ateliê e diretor da LCZ Consultoria, os resultados do estudo revelam condutas que precisam ser reavaliadas pelas empresas. "A pesquisa mostrou que a própria área de RH oficializa a indicação desses livros e que muitos adeptos se formam e se desenvolvem somente com esse tipo de ajuda. É preciso refletir o que isso significa em termos de consistência nas competências desses profissionais e qual o real impacto para os negócios", questiona Cortoni. "Será que os líderes e gestores são formados dessa maneira? Até que ponto isso é benéfico?", pergunta ele.

Na sua avaliação, a postura do gestor que também indica livros de autoajuda para seus colaboradores também merece uma reflexão. "Quando ele toma essa atitude, está substituindo seu papel de '*coach*' ou indicar esses livros faz parte desse papel? O livro fala o que o chefe quer ou deveria falar: de novo, um diálogo mediado por um mudo."<sup>5</sup>

Não existe uma estratégia específica de leitura para profissionais. Os leitores fluentes em todos os aspectos da leitura têm sua atenção direcionada à informação mais relevante para suas finalidades.

A maneira seletiva como leem todos os tipos de texto significa que não extraem todas as informações que o autor lhes fornece, mas procuram deliberadamente somente a informação de que precisam, como se procurassem em um mapa um caminho entre dois lugares.

### Resumo do perfil de leitor profissional:

- leitor estabelece um objetivo para cada leitura.
- avalia o próprio comportamento durante o ato de ler.
- aprende a detectar ambiguidades e incoerências do texto.
- aprende a resolver problemas de compreensão selecionando as estratégias adequadas.
- adota diferentes estilos de leitura para diferentes materiais e para atingir diferentes objetivos.
- questiona o que lê.

**Reflexão:** qual é a importância das estratégias elencadas abaixo para um tipo de texto como o do quadro na página seguinte?

Estratégias:

- avaliar a exatidão das informações.
- avaliar a superficialidade/profundidade com que o tema foi tratado pelo autor.
- reconhecer ambiguidades, confusões e imprecisões.
- valorizar a pertinência ou o alcance das conclusões ou generalizações.

<sup>5</sup> Disponível em: [www.lczconsultoria.com.br](http://www.lczconsultoria.com.br) e em <http://www2.uol.com.br/canalexecutivo/notas07/300320078.htm>

Texto:

Câmbio				
moeda	compra	venda	↑	var. %
dólar	1,7198	1,7208	↑	1,00%
libra	2,7126	2,7185	↑	0,48%
euro	2,3721	2,3735	↑	0,28%

### 1.5 Leitura de texto literário

A intenção do texto literário é o estético, ou seja, o trabalho que o autor faz com a palavra. O autor nunca diz tudo, de forma explícita, ele leva o leitor a inferir, imaginar, criar e completar o texto lido. Ler texto literário envolve, então, estratégias como explicar e aclarar significados obscuros, sugeridos e ou explícitos.

Outro aspecto da leitura literária é o objetivo. Dificilmente uma pessoa lê um romance de 300 páginas para buscar uma informação que ela encontraria facilmente em uma enciclopédia. O objetivo é outro: é promover, valorizar e desfrutar do mundo estético-artístico do texto literário.

Para a obtenção desse efeito estético-literário, consideramos:

- a leitura pela própria leitura, sem fins práticos.
- não padronização da leitura com esquemas rígidos.
- recriação de textos literários como ilustração, comentário etc.
- confrontação de opiniões entre os leitores.
- ativação da cultura por parte do leitor.

Um aspecto importante a ressaltar é a relação entre a leitura de texto literário e o sentido literal/não literal.

O sentido literal é o básico, construído como preferencial pelo leitor. O sentido literal é um efeito do funcionamento da língua e não uma simples propriedade imanente da palavra (Marcuschi, 2008).

O sentido não literal sempre foi distinto do sentido literal e é associado ao texto e ao autor. O sentido não literal não é convencional e se dá nas metáforas, atos de fala indiretos, implicações, ironias.

O quadro mostra a diferença:

Sentido literal	Sentido não literal
Automático	Não automático
Obrigatório	Opcional
Normal	Fortuito
Não marcado	Marcado
Indispensável	Dispensável
Não figurativo	Figurativo
	Indireto

Apesar de esse quadro ser muito generalizado, podemos afirmar que o sentido pode ser identificado em três aspectos:

1. Linguístico: o sentido se acha nos usos comuns do dicionário.
2. Psicológico: o sentido se dá pelo uso intencional.
3. Interacional: o sentido ocorre no processo interativo entre o leitor e o texto (autor).

Na leitura de texto literário, os sentidos dependem do contexto da língua. O leitor pode não ter dificuldade em relação ao tema, mas pode encontrar muita dificuldade na forma como o autor usou a língua: palavras polissêmicas, estrutura da frase indireta etc.

De forma geral, a fruição estética de texto literário deve começar de um gosto pessoal por envolver tanto o lado racional-intelectual do leitor quanto o lado emocional-afetivo.

## 2 AS DIFERENTES LINGUAGENS

"A linguagem é o instrumento com que o homem pensa e sente, forma estados de alma, aspirações, volições e ações, o instrumento com que influencia e é influenciado, o fundamento último e mais profundo da sociedade humana."

L. Hjelmslev

A linguagem nasce da necessidade humana de comunicação. Nela e com ela, o homem interage com o mundo. Para tratarmos das diferentes linguagens de que dispomos, sejam elas verbais ou não, precisamos, inicialmente, pensar que elas existem para que possamos estabelecer comunicação, para que possamos interagir. Mas, o que é, em si, comunicar?

Se desdobrarmos a palavra comunicação, teremos:

Comunicação: "comum" + "ação", ou melhor, "ação em comum".

De modo geral, todos os significados encontrados para a palavra comunicação revelam a ideia de se estabelecer relação com alguém, de haver transferência de informação. Observe:

A palavra comunicação deriva do latim *communicare*, cujo significado é "tornar comum", "partilhar", "repartir", "trocar opiniões", "estar em relação com". Assim, podemos afirmar que, historicamente, comunicação implica participação, interação entre dois ou mais elementos, um emitindo informações, outro recebendo e reagindo. Para que a comunicação exista, então, é preciso que haja mais de um polo: sem o "outro", não há partilha de sentimentos e ideias ou de comandos e respostas.

Para que a comunicação seja eficiente, é necessário que haja um código comum aos interlocutores.

Tomemos, agora, o conceito apresentado por Bechara (1999, p. 28) para fundamentar o conceito de linguagem:

Entende-se por **linguagem** qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem é vista, então, como um espaço em que tanto o sujeito quanto o outro, que com ele interage, são inteiramente ativos. Por meio dela, o homem pode trocar informações, ideias, compartilhar conhecimentos, expressar intenções, opiniões e emoções. Desse modo, reconhecemos a linguagem como um instrumento múltiplo e dinâmico, isso porque, considerados os sentidos que devem ser expressos e as condições de que dispomos em dada situação, valemo-nos de códigos diferentes, criados a partir de elementos como som, imagem, cor, forma, movimento e tantos outros.

Vale salientar a ideia de que o processo de significação só acontece verdadeiramente quando, ao nos apropriarmos de um código, nos fazemos entender por meio dele.

A linguagem humana caracteriza-se pela extrema diversidade e pela complexidade de suas formas de organização e de suas formas de atividade. E é ela que confere às organizações e atividades humanas uma dimensão social.

A linguagem humana se apresenta, inicialmente, como uma produção interativa associada às atividades sociais, sendo ela o instrumento pelo qual os interactantes, intencionalmente, emitem pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que essa atividade se desenvolve. Com efeito, na medida em que os signos cristalizam as pretensões à validade designativa, se estão disponíveis para cada um dos indivíduos, eles também têm, necessariamente, uma dimensão transindividual, veiculando representações coletivas do meio, que se estruturam em configurações de conhecimentos que podem ser chamadas de mundos representados.

Conforme Bronckart (1999), três tipos de mundo podem ser distinguidos:

1. Linguagem representa o mundo objetivo (físico).
2. Linguagem representa o mundo social (coletivo, de conversação etc.).
3. Linguagem representa o mundo subjetivo (experiência individual).

A linguagem introduz uma distância nas relações que os organismos humanos mantêm com o meio e, por conseguinte, provoca a autonomia das próprias produções. A linguagem organiza-se, então, em discursos, em textos, que se diversificam em gêneros. É por meio dos textos que os mundos representados são construídos.

Cada língua realiza o processo representativo geral da linguagem humana, mas ela o faz de acordo com suas modalidades próprias, isto é, cada língua tem sua semântica própria, que, por sua vez, dá origem às variadas culturas.

De modo geral, a linguagem tem um caráter histórico. Os mundos representados já foram ditos bem antes de nós, e os textos e signos que os constituíram continuam trazendo os traços dessa construção histórica permanente.

Nessa abordagem, a língua é fato social, produto de ações de seres humanos organizados em comunidades. A linguagem é, em outras palavras, uma prática social, e como tal exige do usuário da língua um olhar a partir de algum lugar sócio-historicamente marcado e atravessado por conotações ideológicas.

A linguagem implica, além da consciência e responsabilidade de seus usuários, a interação entre eles. Para que duas ou mais pessoas possam compreender-se mutuamente, é preciso que seus contextos sociocognitivos sejam, pelo menos, parcialmente semelhantes. Em outras palavras, seus conhecimentos devem ser compartilhados, uma vez que é impossível duas pessoas partilharem exatamente dos mesmos conhecimentos.

Ao entrar em uma interação, cada um dos parceiros já traz consigo sua bagagem cognitiva, ou seja, já é, por si mesmo, um contexto. A cada momento da interação, esse contexto é alterado, ampliado, e os parceiros se veem obrigados a se ajustar aos novos contextos que se vão originando sucessivamente.

### 2.1 Linguagem verbal e linguagem não verbal

Chamamos de **linguagem** a todo sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação. Certamente você já observou que o ser humano utiliza as mais diferentes linguagens: a da música, a da dança, a da pintura, a dos surdos-mudos, a dos sinais de trânsito, a da língua que se fala, entre outras. Como vemos, a linguagem é produto de práticas sociais de uma determinada cultura que a representa e a modifica, numa atividade predominantemente social.

Considerando o sistema de sinais utilizados na comunicação humana, costumamos dividir a linguagem em verbal e não verbal. Assim, temos:

- a. **Linguagem verbal**: aquela que utiliza as **palavras** para estabelecer comunicação. A língua que você utiliza, por exemplo, é linguagem verbal.
- b. **Linguagem não verbal**: aquela que utiliza **outros sinais que não as palavras** para estabelecer comunicação. Os sinais utilizados pelos surdos-mudos, por exemplo, constituem um tipo de linguagem não verbal.

### - EXERCÍCIOS -

1. A língua é atividade simbólica, uma vez que as palavras criam conceitos, que ordenam e categorizam o mundo. Das palavras: cadeira, instalação e pôr do sol, qual dá existência a uma realidade inventada?

2. O texto *Se os tubarões fossem homens* – de Bertold Brecht (1898-1956), poeta, romancista e dramaturgo alemão, teórico renovador do teatro moderno – foi construído em linguagem verbal (a língua). Transforme-o em linguagem não verbal, ou seja, faça uma representação visual (um desenho) do texto. Depois, verifique o que você destacou do texto para fazer seu desenho: que ideologia foi destacada?

#### **Se os tubarões fossem homens**

Se os tubarões fossem homens, perguntou a filha de sua senhoria ao senhor K., seriam eles mais amáveis para com os peixinhos?

Certamente, respondeu o Sr. K. Se os tubarões fossem homens, construiriam no mar grandes gaiolas para os peixes pequenos, com todo tipo de alimento, tanto animal quanto vegetal. Cuidariam para que as gaiolas tivessem sempre água fresca e adotariam todas as medidas sanitárias adequadas. Se, por exemplo, um peixinho ferisse a barbatana, ser-lhe-ia imediatamente aplicado um curativo para que não morresse antes do tempo.

Para que os peixinhos não ficassem melancólicos, haveria grandes festas aquáticas de vez em quando, pois os peixinhos alegres têm melhor sabor do que os tristes. Naturalmente, haveria também escolas nas gaiolas. Nessas escolas, os peixinhos aprenderiam como nadar alegremente em direção à goela dos tubarões. Precisariam saber geografia, por exemplo, para localizar os grandes tubarões que vagueiam descansadamente pelo mar.

O mais importante seria, naturalmente, a formação moral dos peixinhos. Eles seriam informados de que nada existe de mais belo e mais sublime do que um peixinho que se sacrifica contente, e que todos deveriam crer nos tubarões, sobretudo quando dissessem que cuidam de sua felicidade futura. Os peixinhos saberiam que esse futuro só estaria assegurado se estudassem docilmente. Acima de tudo, os peixinhos deveriam rejeitar toda tendência baixa, materialista, egoísta e marxista, e denunciar imediatamente aos tubarões aqueles que apresentassem tais tendências.

Se os tubarões fossem homens, naturalmente fariam guerras entre si, para conquistar gaiolas e peixinhos estrangeiros. Nessas guerras eles fariam lutar os seus peixinhos, e lhes ensinariam que há uma enorme diferença entre eles e os peixinhos dos outros tubarões. Os peixinhos, proclamariam, são notoriamente mudos, mas silenciam em línguas diferentes, e por isso não se podem entender entre si. Cada peixinho que matasse alguns outros na guerra, os inimigos que silenciam em outra língua, seria condecorado com uma pequena medalha de sargaço e receberia uma comenda de herói.

Se os tubarões fossem homens, também haveria arte entre eles, naturalmente. Haveria belos quadros, representando os dentes dos tubarões em cores magníficas, e as suas goelas como jardins onde se brinca deliciosamente. Os teatros do fundo do mar mostrariam valerosos peixinhos a nadarem com entusiasmo rumo às gargantas dos tubarões. E a música seria tão bela que, sob os seus acordes, todos os peixinhos, como orquestra afinada, a sonhar, embalados nos pensamentos mais sublimes, precipitar-se-iam nas goelas dos tubarões.

Também não faltaria uma religião, se os tubarões fossem homens. Ela ensinaria que a verdadeira vida dos peixinhos começa no paraíso, ou seja, na barriga dos tubarões.

Se os tubarões fossem homens, também acabaria a ideia de que todos os peixinhos são iguais entre si. Alguns deles se tornariam funcionários e seriam colocados acima dos outros. Aqueles ligeiramente maiores até poderiam comer os menores. Isso seria agradável para os tubarões, pois eles, mais frequentemente, teriam bocados maiores para comer. E os peixinhos maiores, detentores de cargos, cuidariam da ordem interna entre os peixinhos, tornando-se professores, oficiais, polícias, construtores de gaiolas, etc.

Em suma, se os tubarões fossem homens haveria uma civilização no mar.

### Resolução dos exercícios:

1. Quando usamos a linguagem (seja a língua ou outro signo), representamos o mundo, criamos o mundo por meio da linguagem. No caso da palavra pôr do sol, nós criamos a palavra, e, ao fazer isso, mudamos o modo de ver o mundo físico. Afinal, no mundo objetivo (físico) não existe de fato pôr do sol, porque para que existisse, o Sol precisaria se mover em torno da Terra.

2. Sua ilustração do texto deve ter detalhado algum aspecto da relação humana. O autor, quando criou o texto, objetivava, por meio dos bichos, mostrar e criticar os homens e a sociedade.

### 2.2 Linguagem formal e informal

Nossa língua apresenta uma imensa possibilidade de variantes linguísticas, tanto na linguagem **formal** (padrão) quanto na linguagem **informal** (coloquial). Elas não são, assim, homogêneas. Especialmente no que se refere ao coloquial, as variações não se esgotam. Alguns fatores determinam essa variedade. São eles:

- **diferenças regionais:** há características fonéticas próprias de cada região, um sotaque próprio que dá traços distintivos ao falante nativo. Por exemplo, a fala espontânea de um caipira difere da fala de um gaúcho em pronúncia e vocabulário.
- **nível social do falante e sua relação com a escrita:** um operário, de modo geral, não fala da mesma maneira que um médico, por exemplo.
- **diferenças individuais.**

É importante salientar que cada variedade tem seu conjunto de situações específicas para seu uso, e, de modo geral, não pode ser substituída por outra sem provocar, ao menos, estranheza durante a comunicação. O texto de Luís Fernando Veríssimo (*Correio Braziliense*, 13/5/1998) ilustra uma dessas situações inusitadas:

### Aí, galera

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo "estereotipação"? E, no entanto, por que não?

- Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.
- Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.
- Como é?
- Aí, galera.
- Quais são as instruções do técnico?
- Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.
- Ahn?
- É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.
- Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?
- Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?
- Pode.
- Uma saudação para a minha progenitora.
- Como é?
- Alô, mamãe!
- Estou vendo que você é um, um...



- Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?
- Estereoquê?
- Um chato?
- Isso.

Por conta do que dissemos, podemos concluir que cada variedade tem seus domínios próprios e que não existe a variedade "certa" ou "errada". Para cada situação comunicativa existe a variante "mais" ou "menos" adequada. É certo, no entanto, que à variante padrão é atribuído um valor social e histórico maior do que à coloquial. Cabe, assim, ao indivíduo – competente linguisticamente – optar por uma ou outra em razão da situação comunicativa da qual participa no momento.

Por fim, citando Bechara (1999), "a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo em particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade".

### 3 NOÇÕES DE TEXTO: UNIDADE DE SENTIDO

A palavra "texto" é bastante familiar no âmbito escolar e fora dele, embora, de modo geral, não a reconheçamos em suas ocorrências diversas.

Certamente já ouvimos: "Que texto mais interessante!"; "Seu texto está confuso!". "Faça um texto sobre 'suas férias' "...

Os estudos mais avançados na área da linguística textual, a partir da década de 1960, detiveram-se em explicar as características próprias da linguagem escrita concretizada em forma de texto e não em forma de um mero amontoado de palavras e frases.

Para a linguística textual, a linguagem é o principal meio de comunicação social do ser humano e, portanto, seu produto concreto – o **texto** – também se reveste dessa importante característica, já que é por intermédio dele que um produtor transmite algo a um leitor ou ouvinte, obedecendo a um sistema de signos/regras codificado. O texto constitui-se, assim, na **unidade linguística comunicativa básica**.

Inicialmente, é necessário expor o conceito de "texto", por ser ele o elemento fundamental da comunicação. Vejamos o conceito proposto por Bernárdez (1982):

Texto é a unidade linguística comunicativa fundamental, produto da atividade verbal humana, que possui sempre caráter social: caracteriza-se por seu estrato semântico e comunicativo, assim como por sua coerência profunda e superficial, por causa da intenção (comunicativa) do falante de criar um texto íntegro, e da sua estruturação mediante dois conjuntos de regras: as próprias do nível textual e as do sistema da língua.

Alguns elementos nos parecem centrais nessa definição. São eles:

a. Um texto não é um aglomerado de frases; o significado de suas partes resulta das correlações que elas mantêm entre si. Uma leitura não pode basear-se em fragmentos isolados do texto. Observe a sequência:

Mariana ainda não chegou. Comprei dois abacaxis. A oficina de Carlos encerrou o expediente por hoje. A densa floresta era misteriosa. Ela colocou mais água no feijão. A sopeira partiu-se em pedacinhos.

Essa sequência apresenta um amontoado aleatório de frases, uma vez que suas partes não se articulam entre si, não formam um todo coerente. Portanto, tal sequência não constitui um texto.

Agora, observe:

### Circuito fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo; pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maços de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.<sup>6</sup>

Em *Circuito fechado*, não há apenas uma série de palavras soltas. Aqui temos um texto. E por quê? Apesar de haver palavras aparentemente sem relação umas com as outras, é possível reconhecer, depois de uma leitura atenta, que há uma articulação entre elas. A escolha dos substantivos e a sequência em

<sup>6</sup> Ramos, Ricardo. *Circuito fechado*. In: Ladeira, Julieta de Godoy (org.). *Contos brasileiros contemporâneos*. São Paulo: Moderna, 1994.

que são empregados revelam um significado implícito, algo que une e relaciona essas palavras, formando um texto. Podemos dizer, assim, que esse texto se refere a um dia na vida de um homem comum.

Note que no início do texto há substantivos relacionados a hábitos rotineiros, como levantar, ir ao banheiro, lavar o rosto, escovar os dentes, fazer a barba, tomar banho, vestir-se e tomar café da manhã.

Chinelos, vaso, descarga. Pia. Sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos.

Já no final do texto, há o ritual que denota a volta para casa. Observe:

Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforos. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

Descobrimos que a personagem é um homem pela escolha dos substantivos. Parece que sua profissão pode estar relacionada à publicidade e é também um fumante, pois, por quatorze vezes, o narrador retoma a sequência "cigarro, fósforo".

Creme de barbear, pincel, espuma, gilete [...] cueca, camisa, abotoadura, calça, meia, sapatos, gravata, paletó [...] Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, blocos de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída [...] Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes [...] Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel.

Enfim, o texto *Circuito fechado* é um conto – um texto narrativo curto –, cujo tema é o cotidiano e leva o leitor a refletir sobre a vida. Usando somente substantivos, o autor produziu um texto que termina onde começou. Essa estrutura circular tem relação com o título e com a rotina que aprisiona o homem nos dias atuais.

Contexto: unidade maior em que uma unidade menor está inserida. Exemplo: a frase serve de contexto para a palavra, o texto para a frase etc.

- b. O texto tem coerência de sentido e o sentido de qualquer passagem de um texto é dado pelo contexto. Se não levarmos em conta as relações entre as partes do texto, corremos o risco de atribuir a ele um sentido oposto àquele que efetivamente tem.
- c. Todo texto tem um caráter histórico, não no sentido de narrar fatos históricos, mas no de revelar as concepções e a cultura de um grupo social numa determinada época.

### -EXERCÍCIOS-

1. Leia com atenção as afirmações a seguir e na sequência assinale a alternativa correta:

- I. O leitor/ouvinte sempre espera um texto dotado de sentido.
  - II. O produtor do texto, visando ao sentido do texto, recorre unicamente ao uso das palavras que compõem as estruturas do texto.
  - III. Para que o texto tenha sentido, há necessidade de que o produtor e o leitor/ouvinte compartilhem seus conhecimentos.
- a) Apenas a afirmativa I está correta.
  - b) Apenas a afirmativa II está correta.
  - c) As afirmativas I e II estão corretas.
  - d) As afirmativas I e III estão corretas.
  - e) Todas as afirmativas estão corretas.

2. O texto de Ricardo Ramos, *Circuito fechado*, é construído apenas com substantivos. Lembrando que substantivo é a palavra que serve para nomear seres reais (árvore, mãe, Ricardo, lápis etc.), seres imaginários (fada, lobisomem etc.), seres abstratos (análise, comparação, amor etc.) e assim por diante. A proposta é: pense em seu cotidiano. Você é homem ou mulher? Você é vaidoso(a)? Demora para escolher uma roupa, ajeitar o cabelo, combinar o calçado com a roupa? Você trabalha? Você tem um bebê chorão que não o(a) deixa ler o livro-texto do curso? Construa um texto curto em prosa (parágrafo) ou em verso, com sentido, utilizando apenas substantivos.

---

---

---

---

---

### Resolução dos exercícios:

1. A alternativa correta é a d): as afirmativas I e III estão corretas. A pessoa que lê ou ouve um texto, quer entendê-lo. Por isso, espera que o texto tenha sentido. No entanto, o sentido do texto não depende

apenas das palavras colocadas nele. Veja o exemplo do texto *Circuito fechado*, de Ricardo Ramos. Esse e muitos outros textos dependem de fatores fora da língua; dependem de muitos conhecimentos que o produtor e o leitor têm sobre o mundo para relacionar, por exemplo, os substantivos "creme de barbear, pincel, espuma, gilete [...] cueca, camisa, abotoadura" a um personagem masculino, uma vez que nesse texto não há referência direta ao sexo do personagem. Diante disso, a afirmativa II não pode estar correta, porque o texto não depende unicamente da palavra.

2. O exercício 2 é livre por se tratar de uma produção individual, sem resposta única como no primeiro exercício. O texto tem caráter ficcional, mesmo baseado na realidade do produtor, e certamente exigiu de você, aluno, uma boa dose de imaginação e criatividade. Podemos, porém, verificar se, de fato, você empregou substantivos. Provavelmente você empregou substantivos como: cama, escova de dente, calça, vestido, carro, escritório ou sala de aula, colega etc. Palavras como: levantar, vestir, sair, comprar, trabalhar e tantas outras, como são verbos, não podem ter sido empregadas. Palavras como: cedo, hoje, manhã, agora, aqui, lá etc. são advérbios indicadores de tempo, lugar e também não podem ter sido empregadas. Palavras como bonito, vaidoso, preguiçoso, grande, cheio etc. são adjetivos e também devem ter ficado fora do seu texto. Solicito, então, que você releia seu texto e verifique se, por acaso, não empregou outras palavras que não sejam substantivos.

### 3.1 Da organização discursivo-textual

Do ponto de vista de quem produz o texto, é preciso que tenha conhecimento das condições de produção, ou seja, é preciso que saiba para que, para quem e por que o texto será produzido. O tipo de texto também é uma condição de produção, visto que o gênero determina as características de cada texto, o que pressupõe o conhecimento delas para a organização discursivo-textual adequada.

Uma primeira preocupação deve ser com a pessoa do discurso, na cena enunciativa, tendo em vista que o uso da 3ª ou da 1ª pessoa produz efeito de objetividade ou subjetividade. Dizemos efeito porque este é resultado da intenção do locutor (para com o interlocutor) de "afastar-se" ou "aproximar-se" da enunciação quando faz a escolha.

A partir desse primeiro posicionamento, o sujeito assume "a voz" que seja mais conveniente à produção do texto-discurso. Trata-se da relação entre enunciação e enunciado ou, ainda, "o que se diz" e "o que se quer dizer".

É dessa escolha enunciativa que se pode avaliar se o texto-discurso é objetivo ou subjetivo, se o sujeito aproxima-se ou distancia-se do ponto de vista que há no texto. Enfim, o modo de dizer, o que se pretende dizer, depende dessas escolhas prévias. Após essa primeira seleção, torna-se necessário saber que tipo de texto pretende-se produzir.

Convencer é apresentar provas e, por isso, os argumentos "demonstram", ou seja, comprovam o que está sendo dito. Persuadir é "levar o outro a acreditar", por isso é um ato retórico, ou seja, o sujeito-enunciador deve construir os argumentos para persuadir "o outro".

Existem seis tipos de texto: descritivo, narrativo, expositivo, opinativo, argumentativo e injuntivo.

Nesse sentido, Emediato (2004, p. 136) propõe o seguinte quadro:

Modos de organização	Função de base	Princípios de organização
Enunciativo	Relação de influência (EU - TU)	• Posição em relação ao interlocutor.
	Ponto de vista situacional (EU - contexto)	• Posição em relação ao que é dito.
	Relato sobre o mundo (ELE)	• Posição em relação ao mundo e aos discursos dos outros.
Descritivo	Identificar os seres, objetos do mundo de maneira objetiva ou subjetiva.	• Organização da construção descritiva. (nomear, localizar, qualificar e quantificar).
Narrativo	Construir uma sucessão de ações de uma história no tempo em torno de uma busca e de um conflito, com actantes e personagens.	• Organização da lógica narrativa (actantes, processos e funções narrativas) • Qualificação da ação e estatuto do narrador.
Argumentativo	Explicar uma verdade, numa visão racional, para influenciar o interlocutor: <b>convencê-lo</b> (se argumentação demonstrativa) ou <b>persuadi-lo</b> (se argumentação retórica).	• Organização da lógica argumentativa. (relações lógicas, tipos de argumentos).

## 3.1.1 Texto descritivo

O texto descritivo tem por base um sujeito observador, o qual descreve o mundo de maneira objetiva ou subjetiva. A primeira forma diz respeito a uma descrição da realidade tal como ela é, em que o sujeito tem como objetivo primeiro informar sobre objetos, pessoas ou lugares. A segunda é a descrição da realidade da maneira como o sujeito a sente, passando a exprimir a afetividade que tem em relação ao objeto, à pessoa ou ao lugar descrito.

Temos, a seguir, três exemplos de textos descritivos:

### I. Cidadezinha cheia de graça

Cidadezinha cheia de graça...  
Tão pequenina que até causa dó!  
Com seus burricos a pastar na praça...  
Sua igreja de uma torre só...

(...)

Cidadezinha... tão pequenina  
Que toda cabe num só olhar...<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Quintana, Mário. *Poesias*. 2. ed. Porto Alegre, 1972.

**II. Ameixeira.** Árvore pequena ou arbusto ornamental da família das rosáceas, originária da Europa e do Cáucaso, e que tem drupas de polpa doce ou ácida e frutos comestíveis.<sup>8</sup>

**III. Triângulo** é um polígono de três lados. Possui alguns elementos e os principais são: vértices, lados, ângulos, alturas, medianas e bissetrizes.<sup>9</sup>

O texto I é descritivo e dá estrutura a um gênero literário, o poema. Como sabemos que é uma descrição? O texto trata de um ser, no caso, a cidade, dá designação a ela e expande os predicados dela (Marquesi, 1996).

Sendo X = ser e P = predicados, temos:

X = cidadezinha

P1 = cheia de graça

P2 = pequenina

P3 = causa dó

P4 = tem burricos a pastar na praça

P5 = igreja de uma torre só

P6 = cabe num só olhar

Assim, o texto organiza-se por: cidadezinha de interior é pequena e graciosa. Essa organização resulta na fórmula "x é y". Vejamos: x é igual a cidade; y é igual a predicados da cidade.

O texto II, que trata da ameixeira, é um verbete, gênero textual encontrado em dicionário. O verbete é um texto descritivo por enunciar os atributos (predicados) essenciais e específicos do ser.

Sendo X = ser e P = predicados, temos:

X = ameixeira

P1 = árvore pequena

P2 = arbusto ornamental da família das rosáceas

P3 = originária da Europa e do Cáucaso

P4 = tem drupas de polpa doce ou ácida

P5 = tem frutos comestíveis.

No exemplo I, um texto literário, temos uma descrição mais subjetiva: a visão de mundo particular do descritor. No exemplo II, no entanto, a descrição é mais objetiva, sem considerar os mundos possíveis do escritor, e os predicados seguem o princípio da permanência que permite ao ser continuar o mesmo.

### Verbetes

É um gênero textual como uma receita, um poema, um artigo científico e tantos outros encontrados na nossa sociedade. O verbete aparece no dicionário e é formado por: a palavra (que se encontra em ordem alfabética) e o(s) significado(s) dela.

<sup>8</sup> Ferreira, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

<sup>9</sup> Scalzo, M. L. V.; Sodré, U. <http://pessoal.sercomtel.com.br/matematica/fundam/geometria/geo-poli.htm>

A descrição mais objetiva é encontrada em textos técnicos e científicos, tal como no exemplo III. O ser tratado no texto III é o triângulo e tem seus predicados expandidos.

Sendo  $X = \text{ser}$  e  $P = \text{predicados}$ , temos:

$X = \text{triângulo}$

$P1 = \text{polígono de três lados}$

$P2 = \text{possui alguns elementos}$

$P3 = \text{principais elementos são: vértices, lados, ângulos, alturas, medianas e bissetrizes}$

A definição (do triângulo) corresponde à expansão dos predicados e se identifica, a rigor, com a descrição.

### -EXERCÍCIOS-

1. Convido você a fazer uma lista de predicados sobre sua cidade.

$X = \text{cidade onde você mora}$

$P = \text{predicados da cidade}$

$X =$  \_\_\_\_\_

$P1 =$  \_\_\_\_\_

$P2 =$  \_\_\_\_\_

$P3 =$  \_\_\_\_\_

$P4 =$  \_\_\_\_\_

2. O exercício é uma proposta apresentada no Enade 2005.



(Coleção Roberto Marinho. *Seis décadas da arte moderna brasileira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, p. 53.)



A "cidade" retratada na pintura de Alberto da Veiga Guignard está tematizada nos versos:

a) Por entre o Beberibe, e o oceano  
Em uma areia sáfia, e lagadiça  
Jaz o Recife povoação mestiça,  
Que o belga edificou ímpio tirano.<sup>10</sup>

b) Repousemos na pedra de Ouro Preto,  
Repousemos no centro de Ouro Preto:  
São Francisco de Assis! igreja ilustre, acolhe,  
À tua sombra irmã, meus membros lassos.<sup>11</sup>

c) Bembelelém  
Viva Belém!  
*Belém do Pará porto moderno integrado na  
equatorial  
Beleza eterna da paisagem  
Bembelelém  
Viva Belém!*<sup>12</sup>

d) *Bahia, ao invés de arranha-céus, cruzeiros e cruzeiros  
De braços estendidos para os céus,  
E na entrada do porto,  
Antes do Farol da Barra,  
O primeiro Cristo Redentor do Brasil!*<sup>13</sup>

e) *No cimento de Brasília se resguardam  
maneiras de casa antiga de fazenda,  
de copiar, de casa-grande de engenho,  
enfim, das casarões de alma fêmea.*<sup>14</sup>

3. Agora, que tal você escrever um parágrafo descritivo, definindo um termo específico de sua área de estudo? Não copie; faça você a definição.

---

---

---

---

---

---

<sup>10</sup> Matos, Gregório de. *Obras poéticas*. Ed. James Amado. Rio de Janeiro: Record, 1990. Vol. II, p. 1.191.

<sup>11</sup> Mendes, Murilo. *Poesia completa e prosa*. (Org.) Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 460.

<sup>12</sup> Bandeira, Manuel. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. Vol. I, p. 196.

<sup>13</sup> Lima, Jorge de. *Poesia completa*. (Org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 211.

<sup>14</sup> Melo Neto, João Cabral de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 343.

## Resolução dos exercícios:

1. Você pode ter completado o quadro com predicados parecidos com os do poema, descrevendo a cidade onde você mora como graciosa, com bonitas plantas etc., ou empregou predicados bem diferentes: muito grande, com poluição sonora etc.

2. Alternativa c).

3. Como foi solicitado, o texto feito por você deve ser descritivo, e, por se tratar de uma definição, a objetividade talvez seja predominante nele.

A descrição opõe-se à narração pelo seu caráter estático, em que o tempo não tem tanta importância, pois não há transformação de estados e ações, o que compete ao texto narrativo. Desse modo, o ponto de vista do sujeito observador é fundamental e depende tanto de sua posição física (em relação ao que descreve) quanto de sua atitude afetiva (relativa ao objeto descrito).

Para encerrar sobre o texto descritivo, podemos dizer que é um tipo que dá base a vários gêneros textuais. Ele pode aparecer em dissertações, artigos, manuais e outros trabalhos técnicos ou científicos; em romances, contos, poemas e outros textos literários; em conversação, *e-mail*, MSN, carta e outros textos do cotidiano.

### 3.1.2 Texto narrativo

O texto narrativo é aquele que serve de estrutura para narrar, contar uma história, seja ela real ou ficcional. Os gêneros textuais que têm tal estrutura são: romance, conto, crônica, que são em prosa, essencialmente, mas também podemos encontrar narrativa em poemas. O texto narrativo pode ser achado em conversações (duas pessoas conversando face a face podem narrar uma história acontecida com elas.), MSN, Orkut e em outros textos do nosso cotidiano. O texto narrativo igualmente estrutura filmes, novelas televisivas, séries e *games*.

Podemos dizer que a história do homem se confunde com a história da narrativa. Contos fantásticos e maravilhosos, fábulas, parábolas, histórias de suspense constituíram, durante muito tempo, a principal forma de transmissão de conhecimento e registro da memória dos mais diversos povos.

A seguir, exemplo de texto narrativo.

#### **Mágico de pequenas extrações não chega a pássaro azul**

Era mágico de pequenas extrações, era Lilico Alves, de circo mal pago e esfarrapado. O mais que Lilico fazia era tirar cambaxirras da cartola. A maior noite de Lilico aconteceu no Pavilhão Mexicano, quando conseguiu retirar do bolso do paletó uma bandeira do glorioso Estado do Maranhão e, dentro dos panos dela, dois mimosos pombos dourados. Sem saber o que fazer com a própria mágica, Lilico recolheu a cartola ao Hotel Oliveira de Santa Maria de Assunção. Subiu para o quarto meio cabreiro, sem acreditar no que fez no céu do Pavilhão Mexicano. E, na calma do aposento, sem olho de ninguém que ver, Lilico repetiu a mágica e de novo

apareceu aquela bandeira enorme puxada por quatro pássaros que voavam em anil. Espantado, Lilico meteu a cabeça entre as mãos e disse baixinho de Lilico para Lilico:

– Virgem Nossa! Que deu em mim?

Era o maior mágico do mundo, coisa nem nunca existida nas feitiçarias de São Cipriano. E no meio do quarto, como prova dos nove, fez de novo funcionar seu saco de maravilhas. Meteu a mão no bolso, como fazia nos circos mambembes, para ver que nova invenção saía. E na ponta do seu gesto nasceu um arco-íris do mais lindo acabamento. Gente parou na rua, diante de Santa Maria de Assunção. Foi quando Lilico Alves, balançando a cabeça, viu que seu ofício de mágico estava no fim. Pensou:

– Ninguém nunca que vai acreditar que faço prosopopeias. O povo vai cuidar que sou pregador de mentiras.

E dependurou, para sempre, a cartola de extrair pássaros azuis.<sup>15</sup>

O texto *Mágico de pequenas extrações não chega a pássaro azul* é narrativo, e, ao contrário dos textos descritivos, é dinâmico e pressupõe a transformação de estados e o encadeamento de ações.

O exemplo segue a estrutura narrativa tradicional:

- situação inicial: início do texto que serve para dar o cenário da história, tal como a época, o local, a apresentação da personagem.

No texto de Carvalho, a situação inicial consiste nas duas primeiras frases: “Era mágico de pequenas extrações, era Lilico Alves, de circo mal pago e esfarrapado. O mais que Lilico fazia era tirar cambaxirras da cartola”. Nela, há a apresentação da personagem: nome (Lilico Alves), ofício (mágico) e o nível profissional (mal remunerado, medíocre, faz truques e não mágicas verdadeiras).

- Complicação ou conflito: um fato que tira a personagem de sua zona de conforto, do seu cotidiano. O conflito é responsável pelo desenvolvimento da história em si.

No exemplo, o conflito consiste na mágica praticada sem querer pelo Lilico Alves, ou seja, não fez truque: “A maior noite de Lilico aconteceu no Pavilhão Mexicano, quando conseguiu retirar do bolso do paletó uma bandeira do glorioso Estado do Maranhão e, dentro dos panos dela, dois mimosos pombos dourados”.

- desenvolvimento: com base no conflito que desestrutura a vida da personagem, a história continua com atitudes da personagem consequentes do conflito.

No caso do texto exemplificado, o desenvolvimento da história ocorre com atitudes tomadas por Lilico Alves: voltar para o quarto de hotel, comprovar sua competência mágica, espantar-se, refazer a mágica.

---

<sup>15</sup> Carvalho, José Candido de. *Por que Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

- clímax: momento de maior tensão vivido pela personagem decorrente de suas atitudes, decisões, sentimentos.

O clímax dá-se quando Lilico Alves decide comprovar que de fato consegue fazer magia e surge um arco-íris.

- desfecho: o final da história, em que há uma solução para o conflito. A solução pode ser triste ou alegre; dramática ou pode consistir no famoso *happy end*.

Na narrativa apresentada, a solução consiste na decisão de Lilico Alves de desistir de seu ofício.

Então, para que um texto seja narrativo, é preciso criar personagens (e apresentá-los), instaurar um problema que determinará o conflito central em torno do qual as personagens se relacionam em busca da solução. Quando chega ao auge, tem-se o clímax, e daí em diante torna-se necessário apresentar a resolução do problema, que constitui o desfecho. Normalmente, um texto narrativo contém, ainda, uma moral, que corresponde a uma avaliação, a um juízo de valor implícito no texto.

A narrativa, além de estrutura, contém elementos fundamentais: personagens, tempo e espaço. Há narração quando as personagens, por meio de ações, transformam-se, no tempo e no espaço determinados no desenvolvimento do texto. Esse conjunto constitui o que se denomina enredo.

### Relato

É um texto que trata de uma sucessão de fatos. Exemplo de relato: pessoa se levanta às 6h, toma banho, toma café, pega a bolsa e sai para trabalhar. Não existe conflito, ou seja, nenhum fato para desestruturar a vida da personagem.

Além de todos esses elementos apresentados, é importante ressaltar que em um texto narrativo há um narrador, aquele que "conta a história". Ele assume um ponto de vista, que é demonstrado pelo uso da 1ª ou da 3ª pessoa. O narrador em 1ª pessoa está mais próximo dos fatos narrados e o narrador em 3ª pessoa mais distanciado, como se observasse "de longe" o que está acontecendo. Ressalto, no entanto, que o narrador de 3ª pessoa pode conhecer pensamentos e sentimentos das personagens.

Voltando ao texto de Carvalho, os elementos narrativos são:

- personagem: Lilico Alves, mágico.
- tempo: uma noite considerada "a maior".
- espaço: Pavilhão Mexicano e quarto do hotel Oliveira.
- narrador: 3ª pessoa.

O texto *Mágico de pequenas extrações não chega a pássaro azul* é um conto, e sua estrutura, como já dissemos, é narrativa. Geralmente, em textos narrativos há passagens descritivas, verificadas nos fragmentos:

- era mágico de pequenas extrações.

- era Lilico Alves.
- circo mal pago e esfarrapado.
- uma bandeira do glorioso Estado do Maranhão.
- dois mimosos pombos dourados.
- na calma do aposento.
- era o maior mágico do mundo.
- um arco-íris do mais lindo acabamento.

As passagens descritivas não tornam o texto, que é essencialmente narrativo, em descritivo. Elas servem para ajudar na caracterização da personagem, de um lugar, de um julgamento de valor.

O texto narrativo está muito ligado ao mundo da literatura, uma vez que narrar é contar história e, a maioria delas, é inventada, é ficcional.

### EXERCÍCIO

Para ajudá-lo, caro aluno, a produzir sua história, deixo-lhe a estrutura da narrativa para completá-la com dados inventados, frutos de sua criatividade.

#### Situação inicial:

O apartamento ficava no 2º andar e dava para os fundos de outro prédio.

---

---

---

#### Conflito:

Chegou exatamente às 20h. O horário de verão acabara há uma semana. Quando viu, pela janela do apartamento, \_\_\_\_\_

---

---

#### Desenvolvimento:

---

---

---

---

---

---

---

### Desfecho:

Em um impulso, decidiu \_\_\_\_\_

---

---

### Resolução do exercício:

A sua história, caro aluno, a partir do conflito, pode ter-se desenvolvido de vários modos. Você pode ter criado uma narrativa de suspense: o personagem que mora ou visita o apartamento do 2º andar pode ter presenciado uma cena suspeita. Talvez, por um ímpeto romântico, você criou uma história de amor, do(a) morador(a) do apartamento que vê o futuro amor nos fundos do prédio. Ou criou uma narrativa dramática, em que a personagem se encontra em uma situação social (econômica) difícil. Uma narrativa pode ser, então, divertida ou dramática (séria), de amor, de suspense, policial, de ficção científica e de tantas outras formas.

### 3.1.3 Texto argumentativo

A argumentação está mais ligada ao conteúdo e pode apresentar-se de outras formas (como narração ou descrição). Esse é o tipo de texto que revela a intenção do sujeito de convencer e/ou persuadir "o outro" sobre a validade de uma tese, que compreende uma proposição (ideia proposta) a ser defendida no desenvolvimento do texto.

Em vez de um texto científico, com carga pesada de seriedade e dificuldade lexical e de conteúdo, o exemplo de texto argumentativo a seguir é uma crônica do famoso escritor brasileiro Luís Fernando Veríssimo, e o caráter irônico do texto é logo percebido pelo leitor.

#### Penas

Dizem muito que, no Brasil, os corruptos ficam soltos enquanto os ladrões de galinha vão para a cadeia. Dando a entender que as penas, sem trocadilho, não são adequadas aos crimes. É um enfoque errado. Se o valor de qualquer ação se mede pelo grau de dificuldade, então roubar galinha é um crime infinitamente mais importante do que corromper ou ser corrompido, no Brasil.

O roubo de galinha envolve trabalho intelectual. Como o ladrão de galinha dificilmente terá um curso superior, o planejamento é duplamente trabalhoso. Ele precisa escolher o galinheiro. Decidir a hora e o método de ataque. No caso de optar por uma ruptura da cerca, o ladrão de galinha necessita de um instrumento adequado. Se optar pelo salto, precisará de uma vara. Investimento. Se usar a vara, terá que tomar distância, o que significa fazer cálculos. Talvez seja recomendável algum treinamento preliminar. Como fazer para neutralizar o cachorro, se houver? Uma vez dentro do galinheiro, como evitar a algazarra das galinhas, notoriamente nervosas, e as bicadas do galo? Se for noite, como escolher a galinha a ser carregada? Para

roubar um banco, o ladrão pode coagir os funcionários e os clientes do banco com armas e gritos. Experimente silenciar um bando de galinhas com a ameaça de estourar seus miolos, ainda mais com o galo bicando seu tornozelo. Outra coisa. Muitas vezes o homem que rouba duzentos ou trezentos milhões o faz porque a oportunidade se apresenta, num instante fortuito. Ele não resiste ao impulso de colocar alguns zeros a mais na guia de pagamento do INSS, por exemplo, ou subfaturar uma transação. Rouba porque está ali, fazendo outra coisa. Mas quem está dentro de um galinheiro alheio, no meio da noite, não está ali pra outra coisa além de roubar galinha. O roubo de galinha é sempre premeditado. Ninguém pode alegar motivos passionais, ou insanidade passageira, ou a necessidade de fundos para uma campanha eleitoral, ou simplesmente diletantismo, para ter roubado uma galinha. Só uma mente criminoso irrecuperável pensa em roubar galinhas, sabendo todo o trabalho que terá. Compare-se isso ao tráfico de influência, que muitas vezes só requer um telefonema, feito do próprio local de trabalho.

Ao contrário do corrupto, que sabe que jamais será punido, o ladrão de galinha sabe que irá preso. Por isso, para ser ladrão de galinha é preciso ter vocação para o crime, além de uma determinação sobre-humana, característica de uma personalidade obsessiva, que em absoluto pode ficar solta.<sup>16</sup>

Pelo fato de o texto ter carga literária, por se tratar de uma crônica e ter linguagem ambígua, o leitor pode restringir-se ao texto, como esclarecem Mari e Mendes (2005), e fazer uma leitura da argumentação dentro do mundo literário:

- tese (proposição, ideia proposta): roubar galinha é muito mais complicado do que roubar um banco do INSS.
- argumentos: roubar galinha:
  - envolve trabalho intelectual, como decidir a melhor hora, o melhor método etc.
  - exige instrumentos adequados: vara, transporte de galinha.
  - requer tomada de decisões: escolher o galinheiro, escolher a galinha.
  - implica ação premeditada.
  - representa crime vocacional.
- contra-argumentos (argumentos negativos que reforçam a tese): roubar galinhas:
  - não implica coagir funcionário e clientes.
  - não resulta de oportunismo ocasional.
  - não é crime circunstancial.

---

<sup>16</sup> Veríssimo, Luís Fernando. *Jornal do Brasil*, sáb., 6 de jan., 1996.

O leitor, no entanto, pode decidir relacionar o texto de Veríssimo com o mundo. Nesse caso, nós temos outra argumentação:

- tese (proposição, ideia proposta): no Brasil, os responsáveis por grandes roubos não são punidos.
- argumentos: impunidade dos corruptos:
  - os corruptos ficam soltos enquanto ladrões de galinha presos.
  - roubo de galinha é infinitamente mais importante do que a corrupção no Brasil.
  - o corrupto sabe que jamais será punido e o ladrão de galinha sabe que irá preso.
- conclusão: a Justiça brasileira raramente prende um grande corrupto, um grande fraudador.

Dado o exemplo, já deu para verificar que o texto argumentativo possui uma estrutura básica. Na sugestão de Emediato (2004), a estrutura básica é constituída de:

- afirmação (tese, proposição).
- posicionamento: que pode demonstrar concordância ou discordância com uma tese já existente.
- quadro de problematização: situa a argumentação em uma perspectiva (social, econômica, política, ideológica, religiosa etc.), direcionando o discurso do sujeito.
- formulação de argumentos: provas, raciocínio lógico, justificativas ou explicações que deem sustentação à tese.
- conclusão: resultado que se pretende com a defesa da tese pelos argumentos apresentados e sua pertinência e adequação ao quadro de problema.

### EXERCÍCIO

Após a leitura do texto *O recuo do deserto* (revista *Veja*, ed. 1.193, p. 56), verifique: a) a afirmação apresentada pelo autor; b) posicionamento a favor ou contra uma tese já existente; c) o argumento apresentado que comprova a tese; d) conclusão do autor.

#### O recuo do deserto

Os ecologistas costumam atribuir à ação do homem o fato de os desertos estarem aumentando em todo o mundo. Para eles, o desflorestamento das matas tropicais e a agricultura sem planejamento estão mudando o clima da Terra e fazendo crescer a desertificação antrópica – o processo em que áreas férteis se tornam desérticas justamente em virtude das atividades humanas. É verdade, mas nem sempre – nem com o maior deserto do mundo, o Saara. Essa hipótese foi levantada na semana passada, num recente estudo da Nasa, a Agência Espacial Americana, publicado pela revista americana *Science*. Os ecologistas acreditavam que o Saara, com cerca de 9 milhões de quilômetros quadrados, aumentava ano a ano. Ao contrário do



que supunham, porém, uma comparação entre fotos de satélite colhidas durante uma década mostra um movimento diferente. Nos últimos seis anos, por exemplo, o deserto diminuiu 713.000 quilômetros quadrados.

A descoberta joga areia nos planos mirabolantes para a contenção de um suposto avanço do Saara sobre a região do Sahel, ao sul do deserto, considerada uma faixa de transição entre as dunas de areia e a vegetação das savanas africanas. A região é habitada por pastores nômades e se tornou mundialmente famosa pelas cenas de miséria registradas nos povoados. O Sahel era considerado um trecho marcado para ser engolido pelo deserto. A ONU, a Organização das Nações Unidas, estudava a viabilidade de executar um projeto através do qual se plantariam fileiras de árvores, que serviriam de "muro verde" e conteriam o avanço da areia. Os novos dados da Nasa mostram que a obra não será necessária: nos últimos seis anos, foi o deserto que perdeu terreno para o Sahel – e não o contrário, como os ecologistas acreditavam.

- a) \_\_\_\_\_
- b) \_\_\_\_\_
- c) \_\_\_\_\_
- d) \_\_\_\_\_

### Resolução do exercício:

O texto não é atual, mas isso não é importante para a nossa identificação de como se estrutura um texto argumentativo. No exercício, o texto possui as seguintes estruturas argumentativas: a) tese ou afirmação: os desertos têm a tendência de diminuir sua extensão geográfica; b) essa afirmação nega a tese já existente: os ecologistas acreditam que a ação humana contra a natureza faz criar ou aumentar desertos; c) o argumento: a diminuição do deserto do Saara, verificada por meio de fotos tiradas durante uma década; d) conclusão: o autor retoma o dado de que o deserto diminuiu e nega a visão dos ecologistas.

Os argumentos podem ser divididos em dois grupos: os que são utilizados para persuadir o interlocutor e os que servem para convencê-lo. O primeiro grupo corresponde ao que Emediato (2004) denomina argumentação retórica, que se apoia em valores, crenças e lugares comuns, ao passo que o segundo se apoia em fatos e verdades e é denominado argumentação demonstrativa pelo autor. No caso do texto *Penas*, de Veríssimo, trata-se de uma argumentação retórica, enquanto no texto *O recuo do deserto* a argumentação é demonstrativa.

Um texto argumentativo normalmente é composto dos dois tipos de argumento, os quais o produtor (do texto) deve associar na busca da defesa de sua tese, tornando seu texto coerente. No entanto, dependendo do tipo de texto a ser produzido, pode haver predominância de um tipo sobre o outro. Com relação a isso, Emediato (2004, p. 169) propõe o seguinte quadro:

Argumentação demonstrativa	Argumentação retórica
Textos acadêmicos	Textos publicitários e de <i>marketing</i>
Textos científicos	Textos político-eleitorais
Textos jornalísticos, informativos, objetivos	Textos religiosos e de intenção moral
Textos técnicos	Textos de opinião

Há uma variedade de tipos de argumentos – que podem ser utilizados na organização discursivo-textual do texto argumentativo –, resumidos por Palma e Zanotto (*in*: Bastos, 2000):

- argumento de princípio: a justificativa é um princípio geral e a legitimidade da conclusão é praticamente automática; aproxima-se da dedução pura.
- argumento por generalização ou exemplificação: dois exemplos significativos levam à conclusão.
- argumento por causa: a argumentação pode ocorrer no sentido causa-efeito.
- argumento por sinal: a justificativa constitui-se numa evidência suficiente para validar a conclusão.
- argumento por analogia: a conclusão é válida por comparação entre situações de mesmas características essenciais.
- argumento por autoridade: a conclusão justifica-se por ser sustentada por pessoa confiável.
- argumento baseado em valores e crenças compartilhados: a conclusão decorre de valores/crenças invocados para a defesa da tese levantada.
- argumento baseado em definições atribuídas a palavras e expressões: a conclusão resulta da categorização e rotulação das palavras utilizadas na justificativa, as quais explicitam um aspecto avaliativo frente aos fatos.
- argumento baseado na análise das consequências: a conclusão é resultado de um raciocínio causal, que une ou rejeita algo que o produtor do texto defende ou não aceita.
- argumento baseado em afirmação estatística: a força do argumento manifesta-se por meio de uma porcentagem específica ou por meio de termos estatísticos não numéricos (a maioria, alguns, nunca etc.).
- argumento baseado em rejeição de ponto de vista contrário: consiste na não aceitação de posições contrárias à sua; parte das inconsistências apresentadas por outra pessoa.

### - - - - - EXERCÍCIOS - - - - -

1. O discurso publicitário explora bastante os argumentos de autoridade, porque eles conferem maior efeito de convencimento do consumidor sobre a eficácia do produto. Preste atenção a propagandas

passadas na televisão ou anunciadas em revistas e elenque, no mínimo, cinco que utilizam como argumento a voz de autoridade, ou seja, um profissional, especialista no produto anunciado; uma atriz, cuja beleza (ou outra característica marcante) é associada ao produto etc.

2. A voz de autoridade é um tipo de argumento sempre presente em textos científicos, uma vez que o autor recorre a outros autores para dar base à tese. O fragmento do texto abaixo é um artigo científico que trata da história da educação, focando, em especial, a inclusão.

### **Educação especial no Brasil: uma análise histórica**

A história educacional, de acordo com Ragonesi (1997), tem mostrado um quadro bastante diferente daquele proposto pela primeira Constituição brasileira promulgada em 1823, que estabeleceu a instrução primária como obrigatória, gratuita e extensiva a todos os cidadãos. Segundo pesquisas do autor, o Brasil tem sido considerado o pior do mundo em questão de educação.

Ao longo do século XIX, no Brasil, a instituição escolar foi lentamente se fortalecendo. No entanto, segundo Faria Filho (2000), o afastamento da família, em relação à escola, constitui uma preocupação nos dias de hoje, visto o desinteresse dos pais, principalmente das camadas populares, para com a educação dos seus filhos. Esse é um problema que, de acordo com o autor, deve ser analisado historicamente, pois pode ser uma das explicações para muitos problemas no campo da educação.

A partir da segunda metade do século XX, as escolas normais procuravam adotar seu modelo de ensino, inspiradas pelos Estados Unidos e pela Teoria da Carência. Esta, por sua vez, explicava o rendimento escolar observando crianças de diferentes níveis socioeconômicos e considerava que as crianças das camadas mais pobres não possuíam a mesma aptidão para o aprendizado que as crianças de classe privilegiada (Lima, 2005).

Na verdade, nunca existiu uma política educacional comprometida com a democratização educacional, salienta Rogonesi (1997). A questão educacional sempre esteve relegada a segundo plano, visto que o Brasil está em último lugar na evolução de gastos com a educação. O descompromisso histórico do Estado não passa de produto de um processo político, no qual ele se coloca claramente a favor dos interesses de uma determinada classe dominante.<sup>17</sup>

a) O texto de Dota e Alves é argumentativo. Qual é a tese (afirmação feita) proposta pelas autoras em relação à educação de inclusão no Brasil?

---

---

---

<sup>16</sup> Dota, Fernanda Piovesan; Alves, Denise Maria. *Educação especial no Brasil: uma análise histórica*. Revista Científica Eletrônica de Psicologia. Ano 5, nº 8, maio, 2007.

b) Para provar que sua tese está correta, quantos e quais foram os argumentos usados pelas autoras?

---

---

---

c) O tipo de argumento usado pelas autoras foi o argumento de autoridade. A quantas vezes de autoridade as autoras recorreram para montar seu argumento?

---

---

d) A que conclusão as autoras chegaram sobre a educação de inclusão no Brasil?

---

---

3. Agora é o momento de produzir seu texto argumentativo. A estrutura do texto consistirá em: parágrafo introdutório, em que você escreverá o seu ponto de vista sobre o assunto, fazendo uma afirmação (tese). O(s) parágrafo(s) seguinte(s) servirá(ão) para você provar que sua tese/afirmação está certa; você terá então um argumento baseado em afirmação estatística. Para isso, escolha um dos quadros estatísticos abaixo. O último parágrafo será sua conclusão sobre o assunto.

**Quadro A:** tabela apresentada por Grácio e Garrutti, professores de universidades federais em São Paulo.

Tabela 7 – Distribuição de frequências, em números absolutos e relativos, dos procedimentos de avaliação, por planos de ensino e instituições.

Avaliação	Nº de planos	% <sub>1</sub>	Nº de instituições	% <sub>2</sub>
Provas escritas	13	81	7	77
Trabalhos em grupo	9	56	4	44
Trabalhos individuais	7	44	4	44
Lista de exercícios	4	25	2	22
Trabalho de pesquisa	3	19	3	33
Participação nas aulas	3	19	1	11
Seminários	2	12	1	11

<sup>1</sup> Porcentagem calculada em relação ao total de 16 planos de ensino.

<sup>2</sup> Porcentagem calculada em relação ao total de 9 instituições.

**Quadro B:** tabela apresentada por Pitorri, orientando da Universidade Federal de Campinas.

Motivação para responsabilidade ambiental

O que levaria/levou sua empresa a se preocupar com as questões ambientais?

%	Motivo
12,0%	Não existe preocupação
40,0%	Legislação
20,0%	Atendimento a órgãos financiadores
28,0%	Solicitação do cliente
8,0%	ISO14001*
28,0%	Outros

\*ISO14001:2004 é uma norma publicada pela *International Organization for Standardization* e descreve requisitos para a implementação de um sistema de gestão ambiental.

## Resolução dos exercícios:

1. Você, aluno, deve ter-se deparado com certa diversidade de anúncios e verificado que um dos recursos argumentativos usados pelos publicitários é o argumento de autoridade. Em anúncio de pasta de dente, por exemplo, aparece dentista (com avental branco, sorriso metálico, crachá) e, abaixo do nome dele, o CRO. A figura do dentista confere ao produto credibilidade, afinal, é um especialista em saúde dentária que dá o aval à pasta anunciada. Em anúncio de xampu e outros produtos de beleza, aparece uma atriz/cantora/apresentadora cuja beleza é usada para ser associada ao produto.

2. No fragmento do texto científico:

a) A afirmação feita (tese) é que a educação no Brasil não é de inclusão.

b) Para provar sua tese, as autoras mostram cinco argumentos, que são: 1. a história da educação resulta em pior quadro de inclusão; 2. afastamento ou desinteresse dos pais; 3. teorias/metodologias que acreditam que criança pobre não tem aptidão; 4. falta de uma política educacional democrática; 5. educação está em último na lista de verba.

c) As autoras recorreram ao argumento de autoridade, ou seja, a pesquisadores da área da história da educação brasileira. Os pesquisadores são: Ragonesi, Faria Filho, Lima. No caso de texto científico, as vozes de autoridade são fundamentais, pois conferem ao texto credibilidade, mostram ao leitor que o produtor conhece o que já foi realizado e, por fim, que o mundo da ciência não é construído sozinho, mas por múltiplas vozes.

d) O processo político no Brasil volta-se para os interesses de uma classe social apenas, a dominante.

3. O texto argumentativo feito por você, caro aluno, deve ter-se constituído de argumento por afirmação estatística. Você escolheu seu assunto, posicionou-se sobre ele (ou seja, expôs sua opinião) e usou um dos quadros como argumento para validar sua tese.

### 3.1.3.1 Falácia

Muitas vezes, no entanto, o que seria um texto argumentativo com conclusão, em decorrência de proposições plausíveis, pode não sê-lo por conta do produtor do texto que, por razões diversas, escamoteia o raciocínio e incorre, portanto, em falácias.

A falácia é resultante de vários fatores, entre eles:

- ignorância da questão: a pessoa desvia do assunto que está em discussão. Tal falácia é muito vista em debates políticos.
- círculo vicioso: consiste em dar à causa da declaração a própria declaração, como neste exemplo: João morreu pobre porque não tinha dinheiro.
- falsos axiomas: consiste em dar argumentos a partir de verdades aparentes, como máximas, provérbios ou pensamentos.

Em argumentação e em falácia, os estudiosos do assunto empregam muitos termos em latim. Entre eles: *dispositio* (disposição); *actio* (ação); *ad baculum* (recurso à força); *ad misericordiam* (apelo à piedade).

A seguir, convido você, caro aluno, a ler o conto *O amor é uma falácia* e a verificar os tipos de falácia (e a se proteger contra elas) de forma bem humorada.

#### O amor é uma falácia

Eu era frio e lógico. Sutil, calculista, perspicaz, arguto e astuto – era tudo isso. Tinha um cérebro poderoso como um dínamo, preciso como uma balança de farmácia, penetrante como um bisturi. E tinha – imaginem só – dezoito anos.

Não é comum ver alguém tão jovem com um intelecto tão gigantesco. Tomem, por exemplo, o caso do meu companheiro de quarto na universidade, Pettey Bellows. Mesma idade, mesma formação, mas burro como uma porta. Um bom sujeito, compreendam, mas sem nada lá em cima. Do tipo emocional. Instável, impressionável. Pior do que tudo, dado a manias. Eu afirmo que a mania é a própria negação da razão. Deixar-se levar por qualquer nova moda que apareça, entregar-se a alguma idiotice só porque os outros a seguem, isto, para mim, é o cúmulo da insensatez. Pettey, no entanto, não pensava assim.

Certa tarde, encontrei-o deitado na cama com tal expressão de sofrimento no rosto que o meu diagnóstico foi imediato: apendicite.

– Não se mexa. Não tome laxante. Vou chamar o médico.

– Couro preto – balbuciou ele.

– Couro preto? – disse eu, interrompendo a minha corrida.

– Quero uma jaqueta de couro preto – disse.

Percebi que o seu problema não era físico, mas mental.

– Por que você quer uma jaqueta de couro preto?

– Eu devia ter adivinhado – gritou ele, socando a cabeça – Devia ter adivinhado que eles voltariam com o Charleston. Como um idiota, gastei todo o meu dinheiro em livros para as aulas e agora não posso comprar uma jaqueta de couro preto.

– Quer dizer – perguntei incrédulo – que estão mesmo usando jaquetas de couro preto outra vez?

– Todas as pessoas importantes da universidade estão. Onde você tem andado?

– Na biblioteca – respondi, citando um lugar não frequentado pela pessoas importantes da universidade.

Ele saltou da cama e pôs-se a andar de um lado para o outro do quarto.

– Preciso conseguir uma jaqueta de couro preto – disse, exaltado – Preciso mesmo.

– Por que, Pettey? Veja a coisa racionalmente. Jaquetas de couro preto são desconfortáveis. Impedem o movimento dos braços. São pesadas, são feias, são ...

– Você não compreende – interrompeu ele com impaciência – é o que todos estão usando. Você não quer andar na moda?

– Não – respondi, sinceramente.

– Pois eu sim – declarou ele – daria tudo para ter uma jaqueta de couro preto. Tudo.

Aquele instrumento de precisão, meu cérebro, começou a funcionar a todo vapor.

– Tudo? – perguntei, examinando seu rosto com olhos semicerrados.

– Tudo – confirmou ele, em tom dramático.

Alisei o queixo, pensativo. Eu, por acaso, sabia onde encontrar uma jaqueta de couro preto. Meu pai usara uma nos seus tempos de estudante; estava agora dentro de um malão, no sótão

da casa. E, também por acaso, Pettey tinha algo que eu queria. Não era dele, exatamente, mas pelo menos ele tinha alguns direitos sobre ela. Refiro-me a sua namorada, Polly Spy.

Eu há muito desejava Polly Spy. Apresso-me a esclarecer que o meu desejo não era de natureza emotiva. A moça, não há dúvida, despertava emoções, mas eu não era daqueles que se deixam dominar pelo coração. Desejava Polly para fins engenhosamente calculados e inteiramente cerebrais.

Cursava eu o primeiro ano de direito. Dali a algum tempo, estaria me iniciando na profissão. Sabia muito bem a importância que tinha a esposa na vida e na carreira de um advogado. Os advogados de sucesso, segundo as minhas observações, eram quase sempre casados com mulheres bonitas, graciosas e inteligentes. Com uma única exceção, Polly preenchia perfeitamente estes requisitos.

Era bonita. Suas proporções ainda não eram clássicas, mas eu tinha certeza de que o tempo se encarregaria de fornecer o que faltava. A estrutura básica estava lá.

Graciosa também era. Por graciosa quero dizer cheia de graças sociais. Tinha porte ereto, a naturalidade no andar e a elegância que deixavam transparecer a melhor das linhagens. À mesa, suas maneiras eram finíssimas. Eu já vira Polly no barzinho da escola comendo a especialidade da casa – um sanduíche que continha pedaços de carne assada, molho, castanhas e repolho – sem nem sequer umedecer os dedos.

Inteligente ela não era. Na verdade, tendia para o oposto. Mas eu confiava em que, sob a minha tutela, haveria de tornar-se brilhante. Pelo menos valia a pena tentar. Afinal de contas, é mais fácil fazer uma moça bonita e burra ficar inteligente do que uma moça feia e inteligente ficar bonita.

– Pettey – perguntei – você ama Polly Spy?

– Eu acho que ela é interessante – respondeu – mas não sei se chamaria isso de amor. Por quê?

– Você – continuei – tem alguma espécie de arranjo formal com ela? Quero dizer, vocês saem exclusivamente um com o outro?

– Não. Nos vemos seguidamente. Mas saímos os dois com outros também. Por quê?

– Existe alguém – perguntei – algum outro homem que ela goste de maneira especial?

– Que eu saiba, não. Por quê?

Fiz que sim com a cabeça, satisfeito.

– Em outras palavras, a não ser por você, o campo está livre, é isso?



- Acho que sim. Aonde você quer chegar?
- Nada, nada – respondi com inocência, tirando minha mala de dentro do armário.
- Onde é que você vai? – quis saber Pettey.
- Passar o fim de semana em casa.

Atirei algumas roupas dentro da mala.

– Escute – disse Pettey, apegando-se com força ao meu braço – em casa, será que você não poderia pedir dinheiro ao seu pai, e me emprestar para comprar uma jaqueta de couro preto?

– Posso até fazer mais do que isso – respondi, piscando o olho misteriosamente. Fechei a mala e saí.

– Olhe – disse a Pettey, ao voltar na segunda-feira de manhã. Abri a mala e mostrei o enorme objeto cabeludo e fedorento que meu pai usara ao volante de seu Stutz Beacat em 1955.

– Santo Pai – exclamou Pettey com reverência. Passou as mãos na jaqueta e depois no rosto.

– Santo Pai – repetiu, umas quinze ou vinte vezes.

– Você gostaria de ficar com ela? – perguntei.

– Sim – gritou ele, apertando a jaqueta contra o peito. Em seguida, seus olhos assumiram um ar precavido. – O que quer em troca?

– A sua namorada – disse eu, não desperdiçando palavras.

– Polly? – sussurrou Pettey, horrorizado. – Você quer a Polly?

– Isso mesmo.

Ele jogou a jaqueta pra longe.

– Nunca – declarou resolutamente.

Dei de ombros.

– Tudo bem. Se você não quer andar na moda, o problema é seu.

Sentei-me numa cadeira e fingi que lia um livro, mas continuei espiando Pettey, com o rabo

dos olhos. Era um homem partido em dois. Primeiro olhava para a jaqueta com a expressão de uma criança desamparada diante da vitrine de uma confeitaria. Depois dava-lhe as costas e cerrava os dentes, altivo. Depois voltava a olhar para a jaqueta. Com uma expressão ainda maior de desejo no rosto. Depois virava-se outra vez, mas agora sem tanta resolução. Sua cabeça ia e vinha, o desejo ascendendo, a resolução descendendo. Finalmente, não se virou mais: ficou olhando para a jaqueta com pura lascívia.

– Não é como se eu estivesse apaixonado por Polly – balbuciou. – Ou mesmo namorando sério, ou coisa parecida.

– Isso mesmo – murmurei.

– Afinal, Polly significa o que para mim, ou eu pra ela?

– Nada – respondi.

– Foi uma coisa banal. Nos divertimos um pouco. Só isso.

– Experimente a jaqueta – disse eu.

Ele obedeceu. A jaqueta ficou bem larga, passando da cintura. Ele parecia um motoqueiro mal vestido da década de cinquenta.

– Serve perfeitamente – disse, contente.

Levantei-me da cadeira e perguntei, estendendo a mão.

– Negócio feito?

Ele engoliu a seco.

– Feito – disse, e apertou a minha mão.

Saí com Polly pela primeira vez na noite seguinte.

O primeiro programa teria o caráter de pesquisa preparatória. Eu desejava saber o trabalho que me esperava para elevar a sua mente ao nível desejado. Levei-a para jantar.

– Puxa, que jantar interessante! – disse ela, quando saímos do restaurante. Fomos ao cinema.

– Puxa, que filme interessante! – disse ela, quando saímos do cinema.

Levei-a para casa.

– Puxa, que noite interessante – disse ela, ao nos despedirmos.

Voltei para o quarto com o coração pesado. Eu subestimara gravemente as proporções da minha tarefa. A ignorância daquela moça era aterradora. E não seria o bastante apenas instruí-la. Era preciso, antes de tudo, ensiná-la a pensar. O empreendimento se me afigurava gigantesco, e a princípio me vi inclinado a devolvê-la a Pettey. Mas aí comecei a pensar nos seus dotes físicos generosos e na maneira como entrava numa sala ou segurava uma faca, um garfo, e decidi tentar novamente.

Procedi, como sempre, sistematicamente. Dei-lhe um curso de lógica. Acontece que, como estudante de direito, eu frequentava na ocasião aulas de lógica, e portanto tinha tudo na ponta da língua.

– Polly – disse eu, quando fui buscá-la para o nosso segundo encontro. – Esta noite vamos até o parque conversar.

– Ah, que interessante! – respondeu ela.

Uma coisa deve ser dita em favor da moça: seria difícil encontrar alguém tão bem disposta para tudo.

Fomos até o parque, o local de encontros da universidade, nos sentamos debaixo de uma árvore, e ela me olhou cheia de expectativa.

– Sobre o que vamos conversar? – perguntou.

– Sobre lógica.

Ela pensou durante alguns segundos e depois sentenciou:

– Interessante!

– A lógica – comecei, limpando a garganta – é a ciência do pensamento. Se quisermos pensar corretamente, é preciso antes saber identificar as falácias mais comuns da lógica. É o que vamos abordar hoje.

– Interessante! – exclamou ela, batendo palmas de alegria.

Fiz uma careta, mas segui em frente, com coragem.

– Vamos primeiro examinar uma falácia chamada *dicto simpliciter*.

– Vamos – animou-se ela, piscando os olhos com animação.

– *Dicto simpliciter* quer dizer um argumento baseado numa generalização não qualificada. Por exemplo: o exercício é bom, portanto todos devem se exercitar.

– Eu estou de acordo – disse Polly, fervorosamente. – Quer dizer, o exercício é maravilhoso. Isto é, desenvolve o corpo e tudo.

– Polly – disse eu, com ternura – o argumento é uma falácia. Dizer que o exercício é bom é uma generalização não qualificada. Por exemplo: para quem sofre do coração, o exercício é ruim. Muitas pessoas têm ordem de seus médicos para não se exercitarem. É preciso qualificar a generalização. Deve-se dizer: o exercício é geralmente bom, ou é bom para a maioria das pessoas. Do contrário está-se cometendo um *dicto simpliciter*. Você compreende?

– Não – confessou ela. – Mas isso é interessante. Quero mais. Quero mais!

– Será melhor se você parar de puxar a manga da minha camisa – disse eu e, quando ela parou, continuei:

– Em seguida, abordaremos uma falácia chamada generalização apressada. Ouça com atenção: você não sabe falar francês, eu não sei falar francês, Pettey Bellows não sabe falar francês. Devo portanto concluir que ninguém na universidade sabe falar francês.

– É mesmo? – espantou-se Polly. – Ninguém?

Contive a minha impaciência.

– É uma falácia, Polly. A generalização é feita apressadamente. Não há exemplos suficientes para justificar a conclusão.

– Você conhece outras falácias? – perguntou ela, animada. – Isto é até melhor do que dançar.

– Esforcei-me por conter a onda de desespero que ameaçava me invadir. Não estava conseguindo nada com aquela moça, absolutamente nada. Mas não sou outra coisa senão persistente. Continuei.

– A seguir, vem o *post hoc*. Ouça: Não levemos Bill conosco ao piquenique. Toda vez que ele vai junto, começa a chover.

– Eu conheço uma pessoa exatamente assim – exclamou Polly. – Uma moça da minha cidade, Eula Becker. Nunca falha. Toda vez que ela vai junto a um piquenique...

– Polly – interrompi, com energia – é uma falácia. Não é Eula Becker que causa a chuva. Ela não tem nada a ver com a chuva. Você estará incorrendo em *post hoc* se puser a culpa na Eula Becker.

– Nunca mais farei isso – prometeu ela, constrangida. – Você está bravo comigo?

– Não Polly – suspirei. – Não estou bravo.

– Então conte outra falácia.

– Muito bem. Vamos experimentar as premissas contraditórias.

– Vamos – exclamou ela alegremente.

Franzi a testa, mas continuei.

– Aí vai um exemplo de premissas contraditórias. Se Deus pode fazer tudo, pode fazer uma pedra tão pesada que ele mesmo não consiga levantar?

– É claro – respondeu ela imediatamente.

– Mas se ele pode fazer tudo, pode levantar a pedra.

– É mesmo – disse ela, pensativa. – Bem, então eu acho que ele não pode fazer a pedra.

– Mas ele pode fazer tudo – lembrei-lhe.

Ela coçou a cabeça linda e vazia.

– Estou confusa – admitiu.

– É claro que está. Quando as premissas de um argumento se contradizem, não pode haver argumento. Se existe uma força irresistível, não pode existir um objeto irremovível. Compreendeu?

– Conte outra dessas histórias interessantes – disse Polly, entusiasmada.

Consultei o relógio.

– Acho melhor parar por aqui. Levarei você em casa, e lá pensará no que aprendeu hoje. Teremos outra sessão amanhã.

Deixei-a no dormitório das moças, onde ela me assegurou que a noitada fora realmente interessante, e voltei desanimadamente para o meu quarto. Pettey roncava sobre sua cama, com a jaqueta de couro encolhida a seus pés. Por alguns segundos, pensei em acordá-lo e dizer que ele podia ter Polly de volta. Era evidente que o meu projeto estava condenado ao fracasso. Ela tinha, simplesmente, uma cabeça à prova de lógica.

Mas logo reconsiderarei. Perdera uma noite, por que não perder outra? Quem sabe se em alguma parte daquela cratera de vulcão adormecido que era a mente de Polly, algumas brasas ainda estivessem vivas. Talvez, de alguma maneira, eu ainda conseguisse abaná-las até que flamejasse. As perspectivas não eram das mais animadoras, mas decidi tentar outra vez.

Sentado sob uma árvore, na noite seguinte, disse:

– Nossa primeira falácia desta noite se chama *ad misericordiam*.

Ela estremeceu de emoção.

– Ouça com atenção – comecei – Um homem vai pedir emprego. Quando o patrão pergunta quais as suas qualificações, o homem responde que tem uma mulher e dois filhos em casa, que a mulher é aleijada, as crianças não têm o que comer, não têm o que vestir nem o que calçar, a casa não tem camas, não há carvão no porão e o inverno se aproxima.

Uma lágrima desceu por cada uma das faces rosadas de Polly.

– Isso é horrível, horrível! – soluçou.

– É horrível – concordei – mas não é um argumento. O homem não respondeu à pergunta do patrão sobre as suas qualificações. Em vez disso, tentou despertar a sua compaixão. Cometeu a falácia de *ad misericordiam*. Compreendeu?

Dei-lhe um lenço e fiz o possível para não gritar enquanto ela enxugava os olhos.

– A seguir – disse, controlando o tom da voz – discutiremos a falsa analogia. Eis um exemplo: deviam permitir aos estudantes consultar seus livros durante os exames. Afinal, os cirurgiões levam as radiografias para se guiarem durante uma operação, os advogados consultam seus papéis durante um julgamento, os construtores têm plantas que os orientam na construção de uma casa. Por que, então, não deixar que os alunos recorram a seus livros durante uma prova?

– Pois olhe – disse ela entusiasmada – está é a ideia mais interessante que eu já ouvi em muito tempo.

– Polly – disse eu com impaciência – o argumento é falacioso. Os cirurgiões, os advogados e os construtores não estão fazendo teste para ver o que aprenderam, e os estudantes sim. As situações são completamente diferentes e não se pode fazer analogia entre elas.

– Continuo achando a ideia interessante – disse Polly.

– Santo Cristo! – murmurei, com impaciência.

- A seguir, tentaremos a hipótese contrária ao fato.
  - Essa parece ser boa – foi a reação de Polly.
  - Preste atenção: se Madame Curie não deixasse, por acaso, uma chapa fotográfica numa gaveta junto com uma pitada de pechblenda, nós hoje não saberíamos da existência do rádio.
  - É mesmo, é mesmo – concordou Polly, sacudindo a cabeça. – Você viu o filme? Eu fiquei louca pelo filme. Aquele Walter Pidgeon é tão bacana! Ele me faz vibrar.
  - Se conseguir esquecer o sr. Pidgeon por alguns minutos – disse eu, friamente – gostaria de lembrar que o que eu disse é uma falácia. Madame Curie teria descoberto o rádio de alguma outra maneira. Talvez outra pessoa o descobrisse. Muita coisa podia acontecer. Não se pode partir de uma hipótese que não é verdadeira e tirar dela qualquer conclusão defensável.
  - Eles deviam colocar o Walter Pidgeon em mais filmes – disse Polly – Eu quase não vejo ele no cinema.
- Mais uma tentativa, decidi. Mas só mais uma. Há um limite para o que podemos suportar.
- A próxima falácia é chamada de envenenar o poço.
  - Que engraçadinho! – deliciou-se Polly.
  - Dois homens vão começar um debate. O primeiro se levanta e diz: 'o meu oponente é um mentiroso conhecido. Não é possível acreditar numa só palavra do que ele disser'. Agora, Polly, pense bem, o que está errado?
- Vi-a enrugar a sua testa cremosa, concentrando-se. De repente, um brilho de inteligência – o primeiro que vira – surgiu nos seus olhos.
- Não é justo! – disse ela com indignação – Não é justo. O primeiro envenenou o poço antes que os outros pudessem beber dele. Atou as mãos do adversário antes da luta começar...
  - Polly, estou orgulhoso de você.
  - Ora – murmurou ela, ruborizando de prazer.
  - Como vê, minha querida, não é tão difícil. Só requer concentração. É só pensar, examinar, avaliar. Venha, vamos repassar tudo o que aprendemos até agora.
  - Vamos lá – disse ela, com um abano distraído da mão.

Animado pela descoberta de que Polly não era uma cretina total, comecei uma longa e paciente revisão de tudo o que dissera até ali. Sem parar citei exemplos, aponte falhas, martelei sem dar trégua. Era como cavar um túnel. A princípio, trabalho duro e escuridão. Não tinha ideia de quando veria a luz ou mesmo se a veria. Mas insisti. Dei duro, até que fui recompensado. Descobri uma fresta de luz. E a fresta foi se alargando até que o sol jorrou para dentro do túnel, clareando tudo.

Levara cinco noites de trabalho forçado, mas valera a pena. Eu transformara Polly em uma lógica, e a ensinara a pensar. Minha tarefa chegara a bom termo. Fizera dela uma mulher digna de mim. Está apta a ser minha esposa, uma anfitriã perfeita para as minhas muitas mansões. Uma mãe adequada para os meus filhos privilegiados.

Não se deve deduzir que eu não sentia amor por ela. Muito pelo contrário. Assim como Pigmaleão amara a mulher perfeita que moldara para si, eu amava a minha. Decidi comunicarlhe os meus sentimentos no nosso encontro seguinte. Chegara a hora de mudar as nossas relações, de acadêmicas para românticas.

– Polly, disse eu, na próxima vez que nos sentamos sob a árvore – hoje não falaremos de falácias.

– Puxa! – disse ela, desapontada.

– Minha querida – prossegui, favorecendo-a com um sorriso – hoje é a sexta noite que estamos juntos. Nos demos esplendidamente bem. Não há dúvidas de que formamos um bom par.

– Generalização apressada – exclamou ela, alegremente.

– Perdão – disse eu.

– Generalização apressada – repetiu ela. – Como é que você pode dizer que formamos um bom par baseado em apenas cinco encontros?

Dei uma risada, contente. Aquela criança adorável aprendera bem as suas lições.

– Minha querida – disse eu, dando um tapinha tolerante na sua mão – cinco encontros são o bastante. Afinal, não é preciso comer um bolo inteiro para saber se ele é bom ou não.

– Falsa analogia – disse Polly prontamente – eu não sou um bolo, sou uma pessoa.

Dei outra risada, já não tão contente. A criança adorável talvez tivesse aprendido a sua lição bem demais. Resolvi mudar de tática. Obviamente, o indicado era uma declaração de amor simples, direta e convincente. Fiz uma pausa, enquanto o meu potente cérebro selecionava as palavras adequadas. Depois reiniciei.



– Polly, eu te amo. Você é tudo no mundo pra mim, é a lua e as estrelas e as constelações no firmamento. Por favor, minha querida, diga que será minha namorada, senão a minha vida não terá mais sentido. Enfraquecerei, recusarei comida, vagarei pelo mundo aos tropeções, um fantasma de olhos vazios.

Pronto, pensei; está liquidado o assunto.

– *Ad misericordiam* – disse Polly.

Cerrei os dentes. Eu não era Pigmaleão; era Frankenstein, e o meu monstro me tinha pela garganta. Lutei desesperadamente contra o pânico que ameaçava invadir-me. Era preciso manter a calma a qualquer preço.

– Bem, Polly – disse, forçando um sorriso – não há dúvida de que você aprendeu bem as falácias.

– Aprendi mesmo – respondeu ela, inclinando a cabeça com vigor.

– E quem foi que ensinou a você, Polly?

– Foi você.

– Isso mesmo. E, portanto, você me deve alguma coisa, não é mesmo, minha querida? Se não fosse por mim, você nunca saberia o que é uma falácia.

– Hipótese contrária ao fato – disse ela sem pestanejar.

Enxuguei o suor do rosto.

– Polly – insisti, com voz rouca – você não deve levar tudo ao pé da letra. Estas coisas só têm valor acadêmico. Você sabe muito bem que o que aprendemos na escola nada tem a ver com a vida.

– *Dicto simpliciter* – brincou ela, sacudindo o dedo na minha direção.

Foi o bastante. Levantei-me num salto, berrando como um touro.

– Você vai ou não vai me namorar?

– Não vou – respondeu ela.

– Por que não? – exigi.

– Porque hoje à tarde eu prometi a Pettey Bellows que eu seria a namorada dele.

Quase caí para trás, fulminado por aquela infâmia. Depois de prometer, depois de fecharmos negócio, depois de apertar a minha mão!

– Aquele rato! – gritei, chutando a grama. – Você não pode sair com ele, Polly. É um mentiroso. Um traidor. Um rato.

– Envenenar o poço – disse Polly – E pare de gritar. Acho que gritar também deve ser uma falácia.

Com uma admirável demonstração de força de vontade, modulei a minha voz.

– Muito bem – disse – você é uma lógica. Vamos olhar as coisas logicamente. Como pode preferir Pettey Bellows? Olhe para mim: um aluno brilhante, um intelectual formidável, um homem com futuro assegurado. E veja Pettey: um maluco, um boa-vida, um sujeito que nunca saberá se vai comer ou não no dia seguinte. Você pode me dar uma única razão lógica para namorar Pettey Bellows?

– Posso sim – declarou Polly – Ele tem uma jaqueta de couro preto.<sup>18</sup>

### 3.1.4 Texto expositivo

Agora temos um exemplo de texto considerado expositivo.

Primeira forma de antimatéria a ser descoberta, o pósitron é uma partícula atômica com massa e carga idênticas às do elétron, mas de sinal oposto (positivo). A emissão dos raios gama em sentidos contrários comprova essa equivalência de massa e energia, pois as massas do elétron e do pósitron desaparecem, gerando radiação eletromagnética de energia – uma reação de aniquilamento.

Previsto teoricamente em 1928 pelo inglês Paul Dirac, a primeira observação experimental do pósitron foi feita em 1932 pelo norte-americano Carl David Anderson. Logo se evidenciou que, na presença de campos elétricos intensos, fótons (partículas de luz) de alta energia produzem pares de elétrons-pósitrons. O pósitron pode ser produzido por meio de desintegração nuclear, tem percurso extremamente curto na matéria e só pode existir plenamente no vácuo. É utilizado em certas tomografias para localizar tumores e lesões em tecidos.<sup>19</sup>

O objetivo do texto expositivo é informar o leitor sobre um dado referente. Os textos expositivos são utilizados em discursos da ciência, da filosofia, em livros didáticos, em divulgação científica etc.

O texto exemplificado serve para expor o fato de que a existência do pósitron é evidência de antimatéria. Outros textos expositivos podem, por exemplo, servir para expor a demonstração da solução de um dado problema ou para explicar um fenômeno.

---

<sup>18</sup> Sulman, M. *As calcinhas cor-de-rosa do capitão*. Porto Alegre: Globo, 1973.

<sup>19</sup> Ferro, Luís Cláudio. O que é pósitron. *Revista Globo Ciência*.

Os textos, de forma geral, não são puros, pois se valem de diferentes tipos textuais. No caso do texto expositivo, quando o produtor considera como válida uma explicação e não outra, assume um ponto de vista, ou seja, segue a estrutura básica da exposição, mas recorre também à argumentação.

Nesse sentido, a estrutura da argumentação pode ser identificada no texto *O que é pósitron*, segundo Palma e Zanotto (*in*: Bastos, 2000), que verificam a tese – a existência de pósitron como evidência da antimatéria –, justificativas – partícula atômica com massa e carga idênticas às do elétron, mas de sinal oposto; emissão de dois raios gama em sentidos contrários, causando reação de aniquilamento – e conclusão – o pósitron é uma manifestação da antimatéria.

### 3.1.5 Texto opinativo

O texto de opinião é muito veiculado nas esferas da política e do jornalismo. Ele serve para apresentar o ponto de vista do autor sobre um tema, como no exemplo a seguir.

#### **Cresce a fraude em ciência – e no Brasil?**

Nada menos que 72% dos pesquisadores incluídos numa revisão ampla de 2009 afirmam já ter presenciado algum tipo de má conduta. As falcaturas vão de pecados veniais, como a inclusão honorária de autores que não participaram de um estudo, a pecados capitais, como falsificar ou fabricar dados.

Nas faculdades de medicina brasileiras, por exemplo, é prática comum pôr o nome do chefe da cadeira entre as assinaturas de um artigo científico, mesmo que ele não tenha noção do que vai escrito ali. Há quem defenda a aberração, argumentando que o fulano criou as condições para que a pesquisa fosse realizada.

Sendo assim, por que não incluir também o nome do reitor em todos os estudos realizados numa universidade? Antes que algum reitor ou bajulador afoito se encante com a ideia, aviso que se trata de um argumento por absurdo.

Reconhecimento honesto da autoria de trabalhos originais é um dos pilares da ciência. Fidelidade na descrição dos métodos e dados é outro, pois é crucial poder reproduzir observações e experimentos. Por toda parte há quem se disponha, no entanto, a marretar os pilares do edifício.

Não deve ser por acaso que se realizou em Cingapura, de 21 a 24 de julho, a Segunda Conferência Mundial sobre Integridade em Pesquisa. O evento lançou para discussão aberta na internet o documento Singapore Statement (Manifesto de Cingapura), que lista 13 princípios e dá a seguinte definição de integridade científica: "Integridade em pesquisa é definida como a confiabilidade da investigação por força da solidez de seus métodos e da honestidade e precisão na sua apresentação. Falta integridade à pesquisa quando seus métodos ou apresentação distorcem ou deturpam a verdade".

O caso mais rumoroso em andamento é o de Marc Hauser, célebre pesquisador da Universidade Harvard no campo da psicologia evolucionista (novo nome da polêmica área da sociobiologia, surgida nos anos 1970). Hauser é o autor de influentes trabalhos – inclusive experimentos com macacos – sobre a origem de comportamentos morais na evolução darwiniana por seleção natural.

O raciocínio básico da psicologia evolucionista afirma que, se algo existe hoje, é porque foi selecionado no passado por conferir vantagem adaptativa. Coisas como senso de justiça e altruísmo teriam sido úteis para a sobrevivência de indivíduos ou espécies primatas, em priscas eras, e por isso teriam sobrevivido (possivelmente "codificadas" no DNA da espécie). Há quem conclua daí que as pessoas são boas ou más por causa de seus genes, o que ajuda a entender a popularidade desses estudos.

Hauser é um pouco mais sofisticado. Seu livro *Moral Minds*, de 2006, teve boa repercussão. A qualidade de alguns de seus trabalhos científicos, porém, começou a ser investigada há pelo menos um ano por Harvard, noticiaram os jornais *Boston Globe* e *The New York Times*. A imprensa brasileira aparentemente ignorou a péssima notícia. Se quiser ler algo em português, dirija-se ao diário luso *Expresso*.

Tratei do assunto em comentário no *blog Ciência em Dia*, quarta-feira passada, no qual concluí, talvez indevidamente, que Harvard o havia afastado. Não está claro ainda, mas parece que Hauser se afastou voluntariamente, a julgar pela resposta automática para mensagens de e-mail em que afirma estar de licença e trabalhando furiosamente na conclusão de um livro, *Evilicious: Why We Evolved a Taste for Being Bad* (Por que evoluímos para o gosto de sermos maus), segundo se pode ler em reportagem do jornal *Harvard Crimson*, que voltou a tratar do assunto aqui.

Alguns trabalhos do grupo de Hauser em periódicos já estão sendo retirados (cancelados), por desacordo entre dados e conclusões, mas não se conhecem detalhes. Nem Hauser, nem seus alunos, nem a universidade estão dando entrevistas sobre a investigação.

Pode ser uma maneira de preservar a reputação pessoal de Hauser, claro. Se for isso, mesmo, reforçaria a hipótese de que os erros (ou fraudes) sejam menores, ou cometidos sem seu conhecimento por um integrante júnior da equipe.

O galho é que, sem esses esclarecimentos, toda a obra de Hauser e de seus colaboradores fica sob suspeita. Não dá para saber se houve uma falha localizada de supervisão, ou uma prática corrente em seu laboratório. O silêncio de Harvard só contribui para turvar ainda mais as águas.

A Escola Médica de Harvard pelo menos criou um Escritório de Integridade Científica. Agora tente encontrar na página da Faculdade de Medicina da USP, a mais prestigiada do país, algo similar a isso – se existe, não se encontra com muita facilidade.

Alguém duvidaria, em sã consciência, que fraudes científicas vão de vento em popa também no Brasil?<sup>20</sup>

O leitor verifica que, em texto opinativo, o autor não escreve qualquer opinião sem fundamento. Como esclarece Fiorin (2005, p. 112-113):

É preciso deixar bem claro que um texto opinativo não se funda apenas num *eu acho que*. Na verdade, é um texto que exige uma argumentação objetiva e consistente para expor um ponto de vista sobre uma dada questão. Como as questões que atingem os seres humanos (por exemplo, os programas de governo, a questão do aborto, o problema de quotas nas universidades) são sempre polêmicas, o texto opinativo é um pronunciamento sobre uma questão da vida social.

O autor Fiorin ressalta, ainda, que não é apenas em texto opinativo que o produtor expressa sua posição sobre o assunto. Em todos os outros tipos de textos há esse posicionamento, no entanto, no texto opinativo, o produtor dá sua opinião de forma clara.

### -----EXERCÍCIOS-----

Escolha um destes assuntos:

- Natal é um momento em que se mistura religiosidade e consumismo.
- o voto referendo do povo resultou a favor do comércio de armas no Brasil.

1. Produza um texto do tipo expositivo com base em um dos assuntos escolhidos.
2. Produza um texto do tipo opinativo com base no mesmo assunto escolhido no item 1.
3. Leia o texto a seguir e responda às questões.

#### **Eu não gostava do papa João Paulo II**

Escrevo enquanto vejo a morte do papa na TV. E me espanto com a imensa emoção mundial. Espanto-me também comigo mesmo: "Como eu estou sozinho!" – pensei.

Percebi que tinha de saber mais sobre mim, eu, sozinho, sem fé nenhuma, no meio deste oceano de pessoas rezando no Ocidente e Oriente. Meu pai, engenheiro e militar, me passou dois ensinamentos: ele era ateu e torcia pelo América Futebol Clube. Claro que segui seus passos. Fui América até os 12 anos, quando "virei casaca" para o Flamengo (mas até hoje tenho saudade da camisa vermelha, garibaldina, do time de João Cabral e Lamartine Babo), e parei de acreditar em Deus.

Sei que de *mortuis nihil nisi bonum*<sup>21</sup> ("não se fala mal de morto"), mas devo confessar que nunca gostei desse papa. Por quê? Não sei. É que sempre achei, nos meus traumas juvenis, que

---

<sup>20</sup> Leite, Marcelo. Folha.com. 18, ago. 2010.

<sup>21</sup> A tradução literal desta expressão em latim é: "A respeito dos mortos, nada; a não ser o (que é) bom."

papa era uma coisa meio inútil, pois só dava opiniões genéricas sobre a insânia do mundo, condenando a "maldade" e pedindo uma "paz" impossível, no meio da sujeira política.

Quando João Paulo entrou, eu era jovem e implicava com tudo. Eu achava vigarice aquele negócio de fingir que ele falava todas as línguas. Que papo era esse do papa? Lendo frases escritas em partituras fonéticas... Quando ele começou a beijar o chão dos países visitados, impliquei mais ainda. Que demagogia! – reinando na corte do Vaticano e bancando o humilde...

Um dia, o papa foi alvejado no meio da Praça de São Pedro, por aquele maluco islâmico, prenúncio dos tempos atuais. Eu tenho a teoria de que aquele tiro, aquela bala terrorista despertou-o para a realidade do mundo. E o papa sentiu no corpo a desgraça política do tempo. Acho que a bala mudou o papa. Mas, fiquei irritadíssimo quando ele, depois de curado, foi à prisão "perdoar" o cara que quis matá-lo. Não gostei de sua "infinita bondade" com um canalha boçal. Achei falso seu perdão que, na verdade, humilhava o terrorista babaca, como uma vingança doce.

E fui por aí, observando esse papa sem muita atenção. É tão fácil desprezar alguém, ideologicamente... Quando vi que ele era "reacionário" em questões como camisinha, pílula e contra os arroubos da Igreja da Libertação, aí não pensei mais nele... Tive apenas uma admiração passageira por sua adesão ao Solidariedade do Walesa, mas, como bom "materialista", desvalorizei o movimento polonês como "idealista", com um Walesa meio "pelego". E o tempo passou.

Depois da euforia inicial dos anos 1990, vi que aquela esperança de entendimento político no mundo, capitaneado pelo Gorbachev, fracassaria. Entendi isso quando vi o papai Bush falando no Kremlin, humilhando o Gorba, considerando-se "vitorioso", renunciando as nuvens negras de hoje com seu filhinho no poder. Senti que o sonho de entendimento socialismo-capitalismo ia ser apenas o triunfo triste dos neoconservadores. O mundo foi piorando e o papa viajando, beijando pés, cantando com Roberto Carlos no Rio. Uma vez, ele declarou: 'A Igreja Católica não é uma democracia.' Fiquei horrorizado naquela época liberalizante e não liguei mais para o papa 'de direita'.

Depois, o papa ficou doente, há dez anos. E eu olhava cruelmente seus tremores, sua corcova crescente e, sem compaixão nenhuma, pensava que o pontífice não queria 'largar o osso' e ria, como um anticristo.

Até que, nos últimos dias, João Paulo II chegou à janela do Vaticano, tentou falar... e, num esgar dolorido, trágico, foi fotografado em *close*, com a boca aberta, desesperado.

Essa foto é um marco, um símbolo forte, quase como as torres caindo em NY. Parece um prenúncio do Juízo Final, um rosto do Apocalipse, a cara de nossa época. É aterrorizante ver o desespero do homem de Deus, do Infalível, do embaixador de Cristo. Naquele momento, Deus virou homem. E, subitamente, entendi alguma coisa maior que sempre me escapara: aquele rosto retorcido era o choro de uma criança, um rosto infantil em prantos! O papa

tinha voltado ao seu nascimento e sua vida se fechava. Ali estava o menino pobre, ex-ator, ex-operário, ali estavam as vítimas da guerra, os atacados pelo terror, ali estava sua imensa solidão igual à nossa. Então, ele morreu. E ontem, vendo os milhões chorando pelo mundo, vendo a praça cheia, entendi de repente sua obra, sua imensa importância. Vendo a cobertura da Globo, montando sua vida inteira, seus milhões de quilômetros viajados, da África às favelas do Nordeste, entendi o papa. Emocionado, senti minha intensíssima solidão de ateu. Eu estava fora daquelas multidões imensas, eu não tinha nem a velha ideologia esfacelada, nem uma religião para crer, eu era um filho abandonado do racionalismo francês, eu era um órfão de pai e mãe. Ai, quem tremeu fui eu, com olhos cheios d'água. E vi que Karol Wojtyla, tachado superficialmente de 'conservador', tinha sido muito mais que isso. Ele tinha batido em dois cravos: satisfez a reacionaríssima Cúria Romana, implacável e cortesã e, além disso, botou o pé no mundo, fazendo o que italiano nenhum faria: rezar missa para negões na África e no Nordeste, levando seu corpo vivo como símbolo de uma espiritualidade perdida. O conjunto de sua obra foi muito além de ser contra ou a favor da camisinha. Papa não é para ficar discutindo questões episódicas. É muito mais que isso. Visitou o Chile de Pinochet e o Iraque de Saddam e, ao contrário de ser uma 'adesão alienada', foi uma crítica muito mais alta, mostrando-se acima de sórdidas políticas seculares, levando consigo o Espírito, a ideia de Transcendência acima do mercantilismo e de ditaduras. E foi tão 'moderno' que usou a 'mídia' sim, muito bem, como Madonna ou Pelé.

E nisso, criticou a Cúria por tabela, pois nenhum cardeal saíria do conforto dos palácios para beijar pé de mendigo na América Latina. João Paulo cumpriu seu destino de filósofo acima do mundo, que tanto precisa de grandeza e solidariedade.

Sou ateu, sozinho, condenado a não ter fé, mas vi que se há alguma coisa de que precisamos hoje é de uma nova ética, de um pensamento transcendental, de uma espiritualidade perdida. João Paulo na verdade deu um show de bola.<sup>22</sup>

### EXERCÍCIOS

1. Assinale a alternativa que corresponde ao tema em torno do qual se organiza o texto.
  - a) O autor não gostava do papa João Paulo II.
  - b) O autor gostava do papa João Paulo II, mas não queria admitir.
  - c) O autor não gostava do papa João Paulo II, mas não apresenta motivos que justifiquem tal fato.
  - d) O autor não gostava do papa João Paulo II, mas passa a respeitá-lo porque reconhece os valores do homem.
  - e) O autor não gostava do papa João Paulo II, mas passa a gostar para não se sentir sozinho.

<sup>22</sup> Texto de Arnaldo Jabor. *O Estado de São Paulo*, 5 de abril de 2005.

2. O autor se vale da seguinte declaração: "Quando João Paulo entrou, eu era jovem e implicava com tudo". A única alternativa com a qual essa declaração não se relaciona é:

- a) Com o título do texto, corroborando com os argumentos que o autor quer sustentar.
- b) Com o fato de o autor reconhecer que sua implicância se deve ao fato de que era jovem.
- c) A declaração tenta amenizar, no leitor, o impacto causado pelo título.
- d) "É tão fácil desprezar alguém, ideologicamente..." – como conclui o autor.
- e) A declaração evidencia que o autor não tem motivos para não gostar do papa.

3. Da oração: "O conjunto de sua obra foi muito além de ser contra ou a favor da camisinha", pode-se deduzir que:

- a) O papa proibiu o uso de preservativos entre os católicos.
- b) O papa era contrário ao uso de preservativos pelos católicos.
- c) O autor acha que um papa não deveria se ocupar de assuntos ligados à vida particular dos fiéis, como esse que se refere ao uso de preservativos.
- d) O autor declara-se terminantemente contrário à proibição do uso de preservativos.
- e) O autor vê que a Igreja Católica e suas posturas conservadoras desconsideram algo tão importante para a saúde humana como a prevenção do vírus HIV.

4. O texto defende a tese de que:

- a) O cargo que um homem ocupa é mais valioso do que sua hombridade.
- b) A hombridade é um valor maior, e nem sempre está associada ao cargo que o homem ocupa.
- c) Todo papa deve ser bom, mas nem sempre é.
- d) Todo papa é bom, mas nem todos têm que gostar do papa.
- e) Tudo o que está ligado à Igreja é bom.

5. Em: "Quando ele começou a beijar o chão dos países visitados, impliquei mais ainda. Que demagogia! – reinando na corte do Vaticano e bancando o humilde..." – Essa informação foi utilizada no texto para demonstrar que:

- a) O papa age com hipocrisia, pois banca o humilde, mas possui muito mais dinheiro do que se pode imaginar.
- b) O papa poderia sanar a fome de muitos povos com dinheiro, mas só oferece conforto espiritual.



- c) O autor achava o papa demagogo, levando seu corpo vivo para demonstrar seu poder.
- d) O autor, à época, não conseguia entender a intenção do papa em beijar o solo dos países que visitava.
- e) Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

6. Observando o tipo de composição do texto, conclui-se que:

- a) Trata-se de um texto argumentativo, pois claramente se veem argumentos que se pretende comprovar.
- b) Trata-se de um texto descritivo, pois o autor descreve a tristeza do mundo diante da morte do papa João Paulo II.
- c) Trata-se de uma argumentação científica, com apelo à história.
- d) Trata-se de um texto opinativo, pois o autor se vale de suas opiniões e não de argumentos.
- e) Trata-se de um texto argumentativo, pois o autor quer provar para o leitor que o papa é bom.

7. A(s) expressão(ões) que denuncia(m) a subjetividade na apresentação dos fatos é(são):

- a) "Botou o pé no mundo, fazendo o que italiano nenhum faria: rezar missa para negões na África e no Nordeste."
- b) "O papa sentiu no corpo a desgraça política do tempo."
- c) "Sempre achei, nos meus traumas juvenis, que papa era uma coisa meio inútil, pois só dava opiniões genéricas sobre a insânia do mundo."
- d) "O conjunto de sua obra foi muito além de ser contra ou a favor da camisinha."
- e) "[...] eu era um filho abandonado do racionalismo francês."

8. Como o autor expõe seus pensamentos a respeito da figura do papa? Justifique sua resposta com passagens do texto.

9. A intenção do autor ao declarar: "Quando vi que ele era 'reacionário' em questões como camisinha, pílula e contra os arroubos da Igreja da Libertação, aí não pensei mais nele", é para convencer ou persuadir? Explique sua resposta.

10. Qual a intenção do autor ao afirmar: "Naquele momento, Deus virou homem?" Justifique sua resposta com elementos do texto.

### Resolução dos exercícios:

1. A alternativa correta é a d). Ela corresponde ao tema em torno do qual se organiza o texto.
2. A alternativa correta é a e). É a única com a qual a declaração do autor não se relaciona.
3. A alternativa correta é a b). Da oração selecionada só se pode deduzir que o papa era contrário ao uso de preservativos pelos católicos.
4. A alternativa correta é a b). O texto defende a tese que está expressa nessa alternativa.
5. A alternativa correta é a c). O conteúdo dessa alternativa confere com a informação utilizada pelo autor em seu texto.
6. A alternativa correta é a d). Trata-se de um texto opinativo.
7. A alternativa correta é a c). A expressão apresentada nessa alternativa é a que denuncia subjetividade na apresentação dos fatos.
8. Você, caro aluno, com certeza usou palavras diferentes para responder e peço que não as apague. O importante é a ideia. O autor monta seu texto dando opinião sobre o papa e sua opinião é marcada no decorrer do tempo. A opinião é sempre explícita.
9. A declaração serve para persuadir, porque está baseada nas crenças e nos valores do autor.
10. A intenção é mostrar que o papa – uma figura endeusada – revelou-se humano, vulnerável à mortalidade como qualquer outro, evidenciado no trecho: "num esgar dolorido, trágico, foi fotografado em close, com a boca aberta, desesperado".

### 3.1.6 Texto injuntivo

Apresentamos, a seguir, três textos injuntivos.

I. Se o triângulo ABC é isósceles, então a bissetriz em  $\hat{A}$  é perpendicular à base BC.

1. Utilizando o *Tabulæ*, construa dois segmentos, PQ e BC. Selecione o vértice B e o segmento PQ para traçar a circunferência por centro e segmento (observe que o programa chama a curva de 'círculo'...). Repita a construção com o vértice C e o segmento PQ. As extremidades dos segmentos PQ e BC estão livres. Faça com que  $PQ > BC$ , de tal forma que as duas circunferências traçadas se interceptem. Escolha um dos pontos de interseção como o vértice A e crie os segmentos AB e AC, lados do triângulo ABC. Qual a natureza desse triângulo?<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Atividade 5 – propriedades dos triângulos isósceles –, proposta pela profa. Sandra Augusta Santos. Disponível em: <http://www.ime.unicamp.br/~sandra/MA520/handouts/lab5.pdf>

### II. Cappuccino

1 lata de leite em pó instantânea

200 gramas de café solúvel

1 pacote de pó para *chantilly*

1 caixa de chocolate em pó

Canela em pó a gosto

Uma pitada de bicarbonato

### Modo de preparo:

Em uma vasilha coloque todos os ingredientes e misture bem. Acomode em potes. Quando servir, aqueça água e coloque colheres do pó adoçando em seguida.<sup>24</sup>

### III. Tenha bom ânimo e coragem: você vencerá todas as dificuldades!

A vida apresenta-nos problemas às vezes difíceis.

Mas dificuldade superada é problema resolvido.

Jamais desanime: você há de vencer galhardamente todos os problemas que se lhe apresentem.

Se o problema for complexo, divida-o em partes e vença cada uma delas separadamente.

Mas não desanime jamais!<sup>25</sup>

O texto I é uma proposta didática de exercício; o texto II é uma receita culinária; e o III, um texto de autoajuda. O primeiro exige um leitor profundamente conhecedor da área de geometria; o segundo, um leitor interessado – sem ser especialista – no preparo de café diferenciado; e o último texto destina-se ao leitor com as mesmas crenças do autor. O que todos esses textos, tão diferentes, têm em comum? Eles esperam que seus leitores façam algo. Por isso, nós encontramos os verbos no modo imperativo. Vejamos:

- texto I, verbos: construa, selecione, observe, repita, faça, escolha e crie.
- texto II, verbos: coloque, misture, acomode, aqueça e coloque.
- texto III, verbos: tenha, (jamais) desanime, divida, (não) desanime.

<sup>24</sup> Bork, Daniel. *Receita minuto*. Disponível em: [www.band.com.br/diadia/receitaminuto.asp](http://www.band.com.br/diadia/receitaminuto.asp)

<sup>25</sup> Pastorino, Torres. *Minutos de sabedoria*. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Os textos citados anteriormente são exemplos de textos injuntivos e estruturam os gêneros textuais, respectivamente, exercício didático, receita culinária e autoajuda. O termo injuntivo exprime uma ordem ao interlocutor para executar ou não uma determinada ação. Esse termo tem origem no fato de a construção do texto ser basicamente no imperativo, o modo da injunção se iguala à prescrição (Fiorin, 2005).

A forma imperativa é aquela que expressa ordem, pedido, súplica. Em português, os verbos podem ser conjugados no modo imperativo.

Não apenas em textos didáticos (exercícios, perguntas de prova etc.) e em receitas culinárias que aparece a forma injuntiva. A injunção está presente em: guias, manuais de instalação, textos de aconselhamento, leis, regimentos, regras de jogos, anúncios publicitários e outros.

O texto injuntivo possui as seguintes características:

- exposição do objetivo da ação: aquilo a que se visa com a realização do que vem prescrito a seguir.
- apresentação da sequência de ações a realizar para atingir um dado objetivo: ações que devem ser realizadas simultânea ou sucessivamente; há ações obrigatórias e opcionais; ações principais ou secundárias; ações apresentadas no imperativo ou em forma verbal com valor de imperativo.
- justificativa da ação: característica opcional (Fiorin, 2005, p. 115).

Dependendo do texto, o leitor pode encontrar o discurso da incerteza, marcado por expressões da língua como: talvez, provavelmente, quem sabe etc. No caso do texto injuntivo, o leitor se depara com o discurso da certeza, que não tem marcas da subjetividade, uma vez que as afirmações independem de quem as enuncia. No discurso da certeza, as verdades são categóricas e inquestionáveis, sem emprego de verbos de opinião e crença, que denotam dúvida (achar, crer, acreditar, pensar etc.). Tal discurso confere credibilidade ao texto.

Voltemos ao texto injuntivo III, cuja tese, típica dos livros de autoajuda, é: cada pessoa é responsável pelo próprio sucesso ou fracasso, verificado em fragmentos como: "o sucesso está em suas mãos", "você é o dono de seu próprio destino", "a vida que você leva foi criada por você".

O texto de autoajuda desconsidera as condições histórico-sociais. O desemprego, por exemplo, para autores de autoajuda, é responsabilidade da pessoa (trabalhador) e não consequência do mercado de trabalho, que não absorve toda a demanda.

O livro de autoajuda é considerado uma solução para reverter o quadro social, neutralizando as incertezas do mundo de hoje: frases de confiança e de certeza; um porto seguro; um cenário de estabilidade e calma que socorre e conforta; a tábua de salvação.

## EXERCÍCIOS

1. Na campanha publicitária feita pelo governo de São Paulo e pela Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo), há o seguinte texto:

Hoje é Dia do Rio Tietê.

Mas, por favor, nada de garrafa de refrigerante, nem pratinho de bolo, muito menos copo de plástico.

Dia 22 de setembro. Dia do Rio Tietê.

O governo do Estado de São Paulo se preocupa com o Tietê. Por isso foram investidos mais de 9 bilhões de reais na recuperação do rio. Com o trabalho da Sabesp, 550 milhões de litros de esgoto por dia já deixaram de ser despejados. Até o final da segunda etapa do projeto vão ser outros 330 milhões de litros. Além disso, a calha vem sendo rebaixada, para evitar enchentes. Você também precisa fazer sua parte, não jogando lixo na rua. Essa é a melhor homenagem que você pode fazer.

Explique por que o texto *Hoje é Dia do Rio Tietê* é injuntivo.

---

---

---

---

2. Qual dos fragmentos poéticos abaixo tem como base o tipo de texto injuntivo?

a) "Mundo, mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução."

b) "Não faça versos sobre acontecimentos.  
Não há criação nem morte perante a poesia."

c) "Liberdade, essa palavra  
que o sonho humano alimenta  
que não há ninguém que explique/e ninguém que não entenda."

d) "Mas que dizer do poeta  
numa prova escolar?"  
Que ele é meio pateta  
e não sabe rimar?"

e) "Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos."

3. Momento de produção. O objetivo é produzir um texto injuntivo. Selecione uma das opções e mãos à obra.

- um cartaz sobre seu livro predileto.
- uma placa de sinalização, escrita, para sua casa.
- uma embalagem de pãozinho de queijo.

### Resolução dos exercícios:

1. Todo e qualquer texto publicitário, seja para vender um produto, seja para veicular uma campanha de conscientização, baseia-se na injunção. Isso quer dizer que o texto serve para influenciar o leitor; levá-lo a comprar ou a assumir uma responsabilidade. No caso da campanha a favor do rio Tietê, o leitor encontra duas solicitações: comemorar o Dia do Rio Tietê e não sujar ruas e o próprio rio.

2. A alternativa b) traz um texto injuntivo, porque leva o leitor a um ato, ou seja, manda o leitor praticar algo por meio do verbo fazer no modo imperativo.

3. A sua produção deve ter ficado muito eficiente. Para atingir o seu leitor, você, provavelmente, utilizou verbos no modo imperativo, como:

- leia, divirta-se, curta, compre ou outro verbo pertinente para levar o leitor a ler o seu livro predileto.
- vire (à esquerda), ande (mais um quilômetro), suba (a rua X) ou outros verbos também pertinentes, para ajudar seu leitor a acertar o caminho.
- retire (a embalagem), congele, asse ou outros verbos para instruir o leitor a preparar o pãozinho de queijo.

Encerramos esta parte do livro-texto considerando que estudar os tipos de texto significa dominar os arquétipos, os tipos comuns e conhecidos pela pessoa. Uma criança, desde cedo, reconhece quando está ouvindo uma história ou quando a mãe manda tirar o dedo da boca. A criança não sabe o que significa tipo de texto nem que existe tipo narrativo ou injuntivo, mas reconhece-os, porque os tipos de texto têm estrutura facilmente identificada. Por sua vez, o estudioso do assunto, como é o nosso caso, formaliza esse conhecimento adquirido desde criança, nomeia cada tipo de texto, dá designações e distingue cada tipo ao lhe apresentar as características próprias. Sai do senso comum e entra no universo do especialista. Passa a ler e a escrever com propriedade, consciente e eficazmente.

Arquétipos são estruturas mentais responsáveis pelo padrão e tendências comuns. São conhecimentos universais, comuns a todos os seres humanos e ordenam imagens reconhecíveis pelos efeitos que produzem.

Resumindo:	
Texto	<ul style="list-style-type: none"><li>• atividade comunicativa.</li><li>• unidade concreta da língua, perceptível pela audição (texto oral) ou visão (texto escrito).</li><li>• unidade de sentido.</li></ul>
Tipos de texto	<ul style="list-style-type: none"><li>• narrativo.</li><li>• descritivo.</li><li>• argumentativo.</li><li>• expositivo.</li><li>• opinativo.</li><li>• injuntivo.</li></ul>

## 4 TEXTOS ORAIS E TEXTOS ESCRITOS

A distinção entre texto oral e escrito se é perceptível quando se utiliza oposições situadas em planos distintos. Tais planos se referem aos suportes físicos, meios pelos quais o enunciado é transmitido, ou seja, o oral se transmite por ondas sonoras, enquanto o gráfico ocorre por signos inscritos em suportes sólidos, no passado eram utilizados argila, papiro, pergaminhos e outros, nos tempos atuais temos o papel, as telas de computador, de celulares, os diapositivos etc.

A interação pela linguagem se materializa por meio de textos, sejam eles orais ou escritos. É relevante, no entanto, reconhecer que fala e escrita são duas modalidades de uso da língua, que, embora utilizem o mesmo sistema linguístico, possuem características próprias. Cada uma tem sua forma, sua gramática e seus recursos expressivos. Para a compreensão dos problemas da expressão e da comunicação verbais, é necessário evidenciar essa distinção.

Para dar início a suas reflexões, leia a seguir o texto de Millôr Fernandes:

### A vaguidão específica

"As mulheres têm uma maneira de falar  
que eu chamo de vago-específica."

Richard Gehman

- Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.
- Junto com as outras?
- Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.

- Sim senhora. Olha, o homem está aí.
- Aquele de quando choveu?
- Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.
- Que é que você disse a ele?
- Eu disse pra ele continuar.
- Ele já começou?
- Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.
- É bom?
- Mais ou menos. O outro parece mais capaz.
- Você trouxe tudo pra cima?
- Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.
- Mas traga, traga. Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.
- Está bem, vou ver como.<sup>26</sup>

No texto, o autor revela ironia ao atribuir às mulheres o falar de modo vago e por meio de elipses. No entanto, tais características são próprias do texto oral, em que a interação face a face permite que os interlocutores, situados no mesmo tempo e espaço, preencham as lacunas ali existentes, já que ambos, ancorados em dados do contexto e no conhecimento partilhado que possuem, são capazes de compreender e produzir sentido ao que dizem.

Em nossa sociedade, fundamentalmente oral, convivemos muito mais com textos orais do que com textos escritos. Todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral e relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita. No entanto, isso não torna a oralidade mais importante que a escrita. Mesmo que a oralidade tenha primazia cronológica sobre a escrita, esta, por sua vez, adquire um valor social superior ao da oralidade.

Em todas as comunidades, a fala antecede a escrita. Segundo pesquisas, há 3 mil línguas faladas no mundo, 180 delas possuem escrita e aproximadamente 78 têm literatura.

<sup>26</sup> Fernandes, Millôr. *Trinta anos de mim mesmo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.



A escrita não pode ser tida como representação da fala. Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Ela apresenta, ainda, elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e o tipo de letras, cores e formatos, sinais de pontuação e elementos pictóricos que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados.

Observe a transcrição de um texto falado, retirado de uma aula de história contemporânea, ministrada no Rio de Janeiro, no final de década de 1970. Procure ler o texto como se você estivesse "ouvindo" a aula.

(...) nós vimos que ela assinala... como disse o colega aí, a elevação da sociedade burguesa... e capitalista... ora... pode-se já ver nisso... o que é uma revolução... uma revolução significa o quê? Uma mudança... de classe... em assumindo o poder... você vê por exemplo... a Revolução Francesa... o que ela significa? Nós vimos... você tem uma classe que sobe... e outra classe que desce... não é isso? A burguesia cresceu... ela ti/a burguesia possuía... o poder... econômico... mas ela não tem prestígio social... nem poder político... então... através desse poder econômico da burguesia... que controlava o comércio... que tinha nas mãos a economia da França... tava nas mãos da classe burguesa... que crescera... desde o século quinze... com a Revolução Comercial... nós temos o crescimento da classe burguesa... essa burguesia quer... quer... o poder...ela quer o poder político... ela quer o prestígio social... ela quer entrar em Versalhes... então nós vamos ver que através... de uma Revolução...ela vai... de forma violenta... ela vai conseguir o poder... isso é uma revolução porque significa a ascensão de uma classe e a queda de outra... mas qual é a classe que cai? É a aristocracia... tanto que... o rei teve a cabeça cortada... não é isso?<sup>27</sup>

É possível notar que o texto é bastante entrecortado e repetitivo, apresenta expressivas marcas de oralidade e progride apoiando-se em questões lançadas aos interlocutores, no caso, aos alunos. Isso não significa que o texto falado é, por sua natureza, absolutamente caótico e desestruturado. Ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção.

No entanto, tais características, próprias do texto oral, são consideradas inapropriadas para o texto escrito. Por quê?

Para entender essa questão, faz-se necessário, inicialmente, observar a distinção entre essas duas modalidades de uso da língua, proposta por Marcuschi (2001, p. 25):

- A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como dos aspectos prosódicos e recursos expressivos como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica.

---

<sup>27</sup> Callou, Dinah (org.). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Elocuções formais. Rio de Janeiro: FUJB, 1991, p. 104-105.

- A escrita, por sua vez, seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros. Pode manifestar-se, do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escrita ideográfica) ou unidades iconográficas. Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala.

De modo geral, discute-se que ambas apresentam distinções porque diferem nos seus modos de aquisição, nas suas condições de produção, na transmissão e recepção, nos meios através dos quais os elementos de estrutura são organizados.

Para Koch (1992), entre as características distintivas mais frequentemente apontadas entre as modalidades falada e escrita estão as seguintes:

Fala	Escrita
1. Contextualizada	1. Descontextualizada
2. Não planejada	2. Planejada
3. Redundante	3. Condensada
4. Fragmentada	4. Não fragmentada
5. Incompleta	5. Completa
6. Pouco elaborada	6. Elaborada
7. Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	7. Predominância de frases complexas, com subordinação abundante
8. Pouco uso de passivas	8. Emprego frequente de passivas
9. Pouca densidade informacional	9. Densidade informacional
10. Poucas nominalizações	10. Abundância de nominalizações
11. Menor densidade lexical	11. Maior densidade lexical

Ocorre, porém, que essas diferenças nem sempre distinguem as duas modalidades. Isso porque se verifica, por exemplo, que há textos escritos muito próximos ao da fala conversacional (bilhetes, recados, cartas familiares, por exemplo) e textos falados que mais se aproximam da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais, entre outros). Além disso, atualmente, pode-se conceber o texto oral e o escrito como atividades interativas e complementares no contexto das práticas culturais e sociais.

A oralidade é associada à instabilidade, visto que as palavras se perdem ao vento, e a escrita à estabilidade, pois os escritos permanecem. Entretanto, nem todo enunciado oral é necessariamente instável, pois tudo depende de seu estatuto pragmático, isto é, da utilidade do enunciado. Sendo

assim, não é tanto o caráter oral ou gráfico dos enunciados que têm importância, mas sua inscrição em formas que garantam sua preservação. Nesse sentido, há enunciados orais como as máximas, ditados, aforismos, lemas, canções, fórmulas religiosas etc., que se cristalizaram pela repetição.

Determinados *slogans* publicitários, criados intencionalmente para serem memorizados, ou os primeiros textos publicitários, que eram orais, passam pelo gênero poético, por utilizarem a versificação, que contribui para a estabilização de certos textos. Podemos observar que a rima e a aliteração (repetição de fonemas, tais como /k/, /m/, /b/) contribuem para a memorização dos seguintes *slogans*:

Coca-Cola é isso aí.

Melhorar, Melhorar, é melhor e não faz mal.

Se é Bayer, é bom.

Devido à evolução tecnológica, principalmente dos meios de comunicação, podemos afirmar que, atualmente, o oral se reveste das características de uma "escritura", uma vez que a televisão, em virtude de sua abrangência, tem um comprometimento com o que se diz nela maior do que se se tratasse de uma revista de pequena tiragem, porque sua fala poderá ser repetida várias vezes e difundida para todo o mundo.

Na perspectiva sociointeracionista, resumida por Marcuschi (2001):

### Fala e escrita apresentam

- dialogicidade
- usos estratégicos
- funções interacionais
- envolvimento
- negociação
- situacionalidade
- coerência
- dinamicidade

A interação dentro de um contexto sociocultural ocorre de acordo com a reciprocidade do comportamento das pessoas quando em presença uma da outra. A partir daí, estabelecem-se dois tipos de interação.

De maneira geral, a interação se estabelece com a simples copresença: dois indivíduos se cruzam na rua e, mesmo sem se conhecerem, se observam, guardam distância e se desviam para não se chocarem, demonstrando uma ação conjunta e socialmente planejada.

O segundo tipo de interação ocorre quando existe um único foco de atenção visual e cognitiva: a conversação, ação em que os falantes por um momento se concentram um no outro e se ligam, não só pelos conhecimentos que partilham, mas também por outros fatores socioculturais expressos na maneira como produzem o seu discurso e conduzem o diálogo.

No primeiro tipo, a interação estabelecida pela simples copresença é denominada de não focalizada, no segundo, em que se inclui a conversação face a face, a interação é chamada de focalizada.

No evento conversacional, graças às competências acionadas pelos participantes, devemos levar em conta outros aspectos que interferem diretamente na constituição do diálogo. Nesse processo interativo, o falante preocupa-se em saber a quem sua mensagem se dirige; quais são as intenções da parte de quem fala; quais as estratégias utilizadas pelos participantes para uma compreensão mútua e, além disso, como se deve conduzir o diálogo de maneira que o outro possa cooperar no processo.

A dinâmica da interação constitui-se da percepção desses componentes e da maneira de lidar com eles. Não se trata, portanto, de produzir enunciados para um falante da mesma língua com o intuito de trocar informações, mas de organizar a fala de maneira a compreender e a se fazer compreender. Isso implica a mobilização, além da língua enquanto sistema, de normas e estratégias de uso que se combinam com outras regras culturais, sociais e situacionais, conhecidas e reconhecidas pelos participantes do evento conversacional.

A partir do exposto, a interação é considerada como um fenômeno, por implicar em aspectos sociais, culturais, linguísticos e discursivos, próprios de uma sociedade. Desse modo, interação pressupõe regras tácitas que propiciam e norteiam os atos conversacionais em uma situação de comunicação.

Sendo assim, para a realização organizada da conversação são fundamentais algumas características, como: a presença de pelo menos dois participantes, dispostos a interagir por meio de um tema proposto, que se alternam em turnos (troca de fala) entre eles, em que existe a identidade temporal e, ainda que manifestando divergência de opiniões, estejam voltados para um mesmo objetivo.

Para constituir o ato conversacional, os participantes necessitam de habilidades e conhecimentos que ultrapassem os mecanismos linguísticos, visto que para produzir e sustentar uma conversação, duas

peças devem partilhar um mínimo de conhecimentos comuns. Entre eles estão a aptidão linguística, o envolvimento cultural e o domínio de situações sociais.

Dessa forma, o ato conversacional é decorrente da situação, bem como o engajamento dos participantes nesse ato, elementos determinantes na produção e coprodução de enunciados que, ao longo do processo, sofrem alterações. No processo interativo conversacional, locutor e interlocutor tornam-se responsáveis pela produção do discurso, uma vez que ambos constroem juntos o discurso por meio da conegociação.

Nesse sentido, a dinâmica da interação está associada ao contexto situacional, às características, às posições sociais assumidas pelos participantes no ato conversacional e ao processo de negociação, no decorrer da interação, do ponto de vista do tema a ser tratado e das estratégias utilizadas por eles.

Cabe lembrar, finalmente, que em situações de interação face a face, o locutor que detém a palavra não é o único responsável pelo seu discurso. Trata-se de uma atividade de coprodução discursiva, visto que os interlocutores estão juntamente empenhados na produção do texto.

### -----EXERCÍCIOS-----

1. Sobre as modalidades da língua, não podemos considerar que:

- a) Fala e escrita apresentam funções interacionais.
- b) Fala e escrita exigem coerência.
- c) Fala e escrita envolvem dinamicidade e envolvimento.
- d) Fala e escrita não requerem usos estratégicos.
- e) Fala e escrita consideram a negociação entre locutor/interlocutor.

2. Fala e escrita são modalidades da língua e por isso consideramos que:

- a) A análise sobre elas limita-se ao código.
- b) Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes.
- c) Somente a escrita permite elaboração de raciocínios abstratos.
- d) Somente a fala expõe situação informal e variação estilística.
- e) A fala é fator de identidade social.

3. Os estudos sobre a conversação buscam responder como as pessoas interagem de forma coordenada e cooperativa em uma conversa, seja face a face, seja pela internet. No caso de uma conversa virtual, temos a seguinte característica conversacional:

- a) Conversa linear, ou seja, todas as frases do mesmo internauta estão dispostas uma abaixo da outra, sem interposição da fala do outro participante.
- b) O uso do verbo, por exemplo, não é substituído por *emotions* (sinais gráficos) ou onomatopeias.
- c) A ênfase a expressões gestuais durante a conversação face a face é substituída por *emotions*.
- d) A saudação não é impressa na conversação virtual, apenas na conversação face a face.
- e) A ambiguidade não ocorre na interação virtual.

### Resolução dos exercícios:

1. A alternativa correta é a d). A fala e a escrita não são opostas. Ambas apresentam, entre outros, dialogicidade, coerência e também estratégias.

2. A resposta correta é a b). A fala e a escrita são vistas como práticas sociais e permitem a construção de textos coesos e coerentes, bem como a elaboração de raciocínios abstratos. Ambas as modalidades podem apresentar textos formais ou informais, variações de todos os tipos (estilísticos, sociais, regionais...).

3. A alternativa correta é a c). A conversação face a face é acompanhada por gestos e expressões faciais e corporais. Tal linguagem corporal é substituída na conversação virtual por outros recursos: *emotions*, onomatopeias, entre outros.

### 4.1 Retextualização

A escrita, segundo Marcuschi (2001), é uma manifestação formal dos diversos tipos de letramento. Ela pode ser vista como essencial para a sobrevivência no mundo moderno. Ela é mais do que uma tecnologia. Por causa de alguns atributos que foram dados à escrita, ela acabou se tornando quase indispensável, e sua prática e avaliação social fizeram com que ela simbolizasse não só educação, mas também desenvolvimento e poder. Ela possui uma face institucional e é adquirida em contextos formais na escola. Por essa razão, ganha um caráter prestigioso. Sendo adquirida na escola, a escrita acaba sendo identificada com a alfabetização e a escolarização.

Devido ao prestígio que a escrita tem, podemos fazer passar um texto falado para a modalidade escrita. A essa passagem chamamos de retextualização.

Retextualização é um processo de operações que envolve tanto a língua quanto o sentido do texto original (o texto oral). O autor ressalta que "a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem; é a passagem de uma ordem para outra ordem".

A relação entre a oralidade e a escrita se encontra em quatro níveis:

1. Nível da substância da expressão: materialidade da língua (letra e som se correspondem).
2. Nível da forma da expressão: signos falados e escritos (distinção entre grafia e pronúncia).
3. Nível da substância do conteúdo: uso situacional e contextual.
4. Nível da forma do conteúdo: relação entre as unidades significantes orais e escritas.

A adaptação de um texto oral para um texto escrito exige uma transformação, uma retextualização. As transformações ocorridas são:

- o propósito da retextualização pode mudar o nível da linguagem (pode passar de informal para formal).
- a relação entre o produtor e o transformador é difícil de ser disfarçada, porque é difícil encobrir a origem oral do texto.
- a relação tipológica é menos drástica, porque, por exemplo, na transformação de uma narrativa oral para uma narrativa escrita mantém-se o mesmo tipo de texto.

Quadro 1: Possibilidades de retextualização

1. Fala => Escrita (entrevista oral => entrevista impressa)
2. Fala => Fala (conferência => tradução simultânea)
3. Escrita => Fala (texto escrito => exposição oral)
4. Escrita => Escrita (texto escrito => resumo escrito)

O autor dá um modelo das operações de retextualização:

- 1ª. operação: Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras.

Por exemplo: "eh... eu vou falar sobre a minha família... sobre os meus pais... o que eu acho deles... como eles me tratam... bem... eu tenho uma família... pequena... ela é composta pelo meu pai... pela minha mãe... pelo meu irmão... eu tenho um irmão pequeno de... dez anos... eh... o meu irmão não influencia em nada... minha mãe é uma pessoa superlegal... sabe?" Nesse texto percebem-se as hesitações como: eh..., de...; a marca interacional, como 'sabe?' "

- 2ª. operação: Introdução da pontuação.
- 3ª. operação: Retirada de repetições, reduplicações e redundâncias.

Se forem efetuadas essas operações, o texto acima poderá ficar assim: Vou falar de minha família e de como eles me tratam. Minha família é pequena – meu pai, minha mãe e um irmão pequeno de 10 anos que não influencia em nada. Minha mãe é legal.

- 4ª operação: Introdução de parágrafos e pontuação detalhada.
- 5ª operação: Introdução de marcas metalinguísticas (as reformulações feitas).
- 6ª operação: Reconstrução de estruturas truncadas.
- 7ª operação: Tratamento estilístico com novas estruturas sintáticas e lexicais.
- 8ª operação: Reordenação do texto e da sequência argumentativa.
- 9ª operação: Agrupamento de argumento condensado às ideias.

Existe um trabalho esclarecedor de retextualização feito por alunos a partir da história em quadrinho *O trabalho enobrece*, com o personagem Chico Bento. O resultado é:

## Texto original

## Retextualização A

## Retextualização B

### 1. Eliminação de marcas estritamente interacionais: hesitações

Chicoooo! Ei, Chico! Chico!!!	Rosinha soltou um grande grito.	Rosinha deu um grito com Chico.
ronc... ronc...	Ao se aproximar escutou um ronco.	Escutou alguns roncoss.

### 2. Onomatopeias

ronc... ronc...	Ao se aproximar escutou um ronco.	Escutou alguns roncoss.
-----------------	-----------------------------------	-------------------------

### 3. Eliminação de pontuação

Ei, Chico! Chico!!	Rosinha o chamou umas duas vezes e nada dele acordar.	Rosinha ficou tentando acordá-lo.
--------------------	---	-----------------------------------



## 4. Retirada de repetições e redundância

drumindo... drumindo...	Rosinha saiu irritada e disse que parecia que a única coisa que Chico sabia fazer era dormir.	Rosinha saiu brava falando que parecia que era a única coisa que ele sabia fazer.
----------------------------	---	---

## 5. Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos

Oi, Tonico! Ocê vai trabaiaí? Pois é! Começo logo cedo!	Rosinha perguntou a Tonico se ele iria trabalhar. Tonico respondeu que começava bem cedo.	A Rosinha encontra o Tonico e pergunta se ele já ia trabalhar. O Tonico responde que estava indo logo cedo.
--	---	---

## 6. Pronomes egóticos

Bão... eu tava drumino, uai!	Ele respondeu que estava dormindo.	Chico respondeu que estava dormindo.
------------------------------	------------------------------------	--------------------------------------

## 7. Pronome dêitico

É! Os minino aqui da roça começa a trabaiaí cedo mermo!	... e, pensou consigo mesma, na roça os meninos começam a trabalhar bem cedo.	... viu que os amigos de Chico iam trabalhar cedo mesmo.
---	---	--

## 8. Tratamento estilístico com seleção de novas opções léxicas

Ai... o meu fofo vai trabaiaí!	Então Rosinha ao ver seu namorado Chico indo para o trabalho fica muito feliz.	A Rosinha espiando o Chico ficou surpresa com ele porque ele foi trabalhar.
--------------------------------	--	---

Andrade, Eliene Peres de Oliveira; Machado, Gisélia dos Santos Silva; Silva, Sílvia Ribeiro da. Retextualização de uma história em quadrinhos por alunos de meios letrados. *Linguagem & Ensino*. V.9, n. 2, jul./dez. 2006.

Oralidade e escrita, assim, são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos distintos. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais e dialetais.

### EXERCÍCIOS

1. Na perspectiva interacionista, como são consideradas as modalidades fala e escrita?
2. Quantas vezes não começamos um texto dissertativo com a expressão oral "bom..."? Veja os exemplos abaixo:

- Bom, para falar de HQ, é necessário conhecer bem o mundo dos quadrinhos...
- Bom, hoje em dia a internet é uma ferramenta fundamental...

O que você acha dessa marca da oralidade? Por que as pessoas costumam começar o texto assim?

3. Para se divertir: faça a retextualização da tirinha de Chico Bento:



4. Leia o trecho produzido por um aluno:

"Na minha opinião a mulher tem que fazer o que ela que, se que ficar só em casa fique, mas se quiser trabalhar fora que trabalhe, o Brasil é um país que isso é liberado a mulher faz o que achar melhor, (...)

Então na minha opinião (...) se que se torna independente que se torne."

O leitor reconhece no texto do aluno características da oralidade, exceto em:

- a) O uso da expressão "na minha opinião", iniciadora dos dois parágrafos, é típico na conversação.
- b) A mudança repentina de tópico é comum em meio à conversação por não haver tempo para planejamento e por fluir mais rapidamente a conversa. No caso do texto do aluno, o novo tópico é "o Brasil é um país que isso é liberado".
- c) A língua falada é caracterizada pela hesitação, repetição, pausas na voz. No texto do aluno, por sua vez, encontra-se repetição de termos.
- d) O texto do aluno estrutura-se de paragrafação, típico da fala.
- e) O texto do aluno não está cuidadosamente organizado, marcando alto grau de informalidade que pode estar presente na oralidade.

### Resolução dos exercícios:

- 1. Na perspectiva interacionista, fala e escrita têm a mesma eficácia na comunicação, exigem das pessoas coerência, colaboração, envolvimento etc.
- 2. Uma das respostas possíveis é que a dificuldade em iniciar um texto leva as pessoas a usar uma expressão típica da fala.
- 3. Na retextualização, haverá diminuição de pontuação, haverá parágrafo e talvez você tenha mudado a grafia (faiz por faz). Além disso, precisou escrever sobre como está a expressão fisionômica de Chico Bento.
- 4. A alternativa correta é a d). O texto do aluno é notadamente cheio de marcas da oralidade, exceto pela marca de paragrafação, que é uma convenção típica do texto escrito.